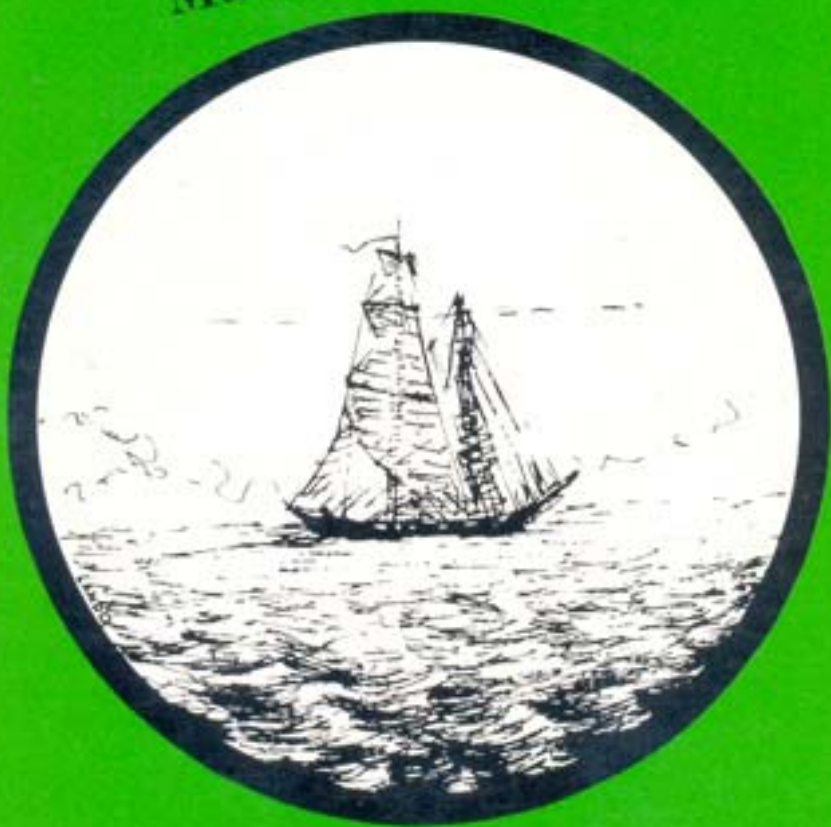


Luiz Guilherme Santos Neves

A NAU DECAPITADA

Manuscrito de Itapemirim



PREFÁCIO DE
JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

Luiz Guilherme Santos Neves

A Nau Decapitada

Manuscrito de Itapemirim



Tertúlia

Livros e Autores do Espírito Santo
www.tertuliacapixaba.com.br

© 1982 Luiz Guilherme Santos Neves
Edição digital de 2013.

Ilustrações e capa: Orlando da Rosa Faria (Lando)

Digitalização: Regina Coeli Faria de Melo

Preparação de textos e revisão: Pedro J. Nunes

Projeto gráfico: Edições Tertúlia

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor ou dos editores, constitui violação da Lei de Direitos Autorais - Lei 9.610/98.

Cultural & Edições Tertúlia

Vitória, ES

www.tertuliacapixaba.com.br

tertulia@tertuliacapixaba.com.br

QUEM MELHOR INVENCIONAR,
MELHOR INVENCIONADO FICARÁ.
(anônimo)

Tertúlia

Livros e Autores do Espírito Santo
www.tertuliacapixaba.com.br

dedicatoriando

primeiramente, a Mestre Guilherme.
Depois, a Renato Pacheco
pela Oferta e o Altar
e por muitas coisas mais.
E também ao Grupo Letra e,
nele, a Reinaldo pelo batismo da nau.

PREFÁCIO

João Felício dos Santos

"Quem melhor invencionar, melhor invencionado ficará." - Muita razão tem Luiz Guilherme Santos Neves ao iniciar sua novela romanceada com aquele brocardo vindo, assim profundo como empírico, da sabedoria dos tempos.

Escritor e professor capixaba, LG tem sua vida literária acompanhada por nós, desde longe, pela afinidade que nos une. Alegria é vê-lo, agora, de volta, a dar quentes vazões a seu espírito de inquietos buscares, se debruçando gregariamente sobre episódio tão cômico e patético de seu amado rincão, como teria sido o da aventureasca e engraçada viagem do sisudo José Joaquim Machado de Oliveira para tomar posse, afinal, do importante cargo de presidente da Província do Espírito Santo. Posse, aliás, sem a sua desaparecida bagagem, principalmente aquele baú bonito e misterioso, recheado de Rousseau e Voltaire, que pelo carinho e firmeza com que é descrito, imaginamo-lo até pintado em gentis verdes-vivos, sem que nem lhe faltassem as inefáveis e folhudas rosas de uso, na época.

Embora o assunto não seja inteiramente novo para

LG que, com ele, já se preocupou antes, ao comentar as Notas de viagem do próprio Machado de Oliveira, só agora atinou ele em transformá-lo na realidade leve deste livro.

Evidente que, com a imensa carga telúrica que lhe vai no sangue, na alma e na pena, não se poderia esperar que também este seu romance deixasse de girar, todo ele, em torno das terras espírito-santenses. Assim foi, em 1977, com seu magnífico episódio da insurreição dos escravos da vila de São José do Queimado, vazado no "documento cênico" Queimados, livro que redundou, primeiro, na almenara poética; depois, na verdadeira pedra fundamental de um recente trabalho nosso, o romance Benedita Torreão da Sangria Desatada. E, assim, será de supor que em quantos mais escritos aparecerem assinados por LG, havemos de encontrar sempre um Espírito Santo redivivo em amor.

A atração que exerce em nós, que escrevemos, esse nosso Brasil mal recém-saído de todas as ignorâncias, mas destinado a desvendar futuros magníficos, inclusive o de nossa literatura, ainda mais irmana a amizade que nos alia. Isso, além da veneração ao passado também comum, a começar pela que dedicamos ao velho patriarca Ceciliano Abel de Almeida, fino autor de O desbravamento das selvas do Rio Doce (Memórias - Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1959).

Evidente que, como pesquisador, ofereço a palma a

Luiz Guilherme Santos Neves, cujo conceito de História, para nossa grande satisfação, não difere demais do que esposamos, ainda que muito mais radicalmente a ponto de, talvez, exagerarmos.

Coerente com as licenças das mais benevolentes facultadas aos poetas, LG usa uma técnica muito mais séria do que seria um simples recurso literário: faz com que o exercício de contar tantas e tais aventuras seja totalmente transferido para um fantástico, simplório e necessário ex-comandante de Pedestre, o major Marcelino José de Castro e Silva. Esta é uma técnica de deliciosos sabores, além de absolutamente garantida em seus êxitos pela espantosa visão de um professor de História mas que, talvez, antes de tudo, seja um escritor verdadeiro, de natos profissionalismos. Não obstante, A NAU DECAPITADA não pode ser tomada apenas como uma interessante novela cuja ação se passa no pitoresco de outros tempos, os ingenuamente provinciais, apesar das inusitadas e diabólicas perversidades de um mestre magano, coisa, afinal, da milenar contingência humana: trata-se de um bem engendrado "roteiro-argumento", de autoria de um escritor seguro no leme e que muito bem sabe aonde chegar, dirigindo seu "roteiro-rotas".

Estilo personalíssimo na elegância de dizer ou de montar suas frases e diálogos, LG, criador sutil de

personagens-emboço, em bom confronto com as ditas históricas, sabe escrever e sabe como se escreve.

Também devemos uma palavra justa à montagem do enredo, dentro das limitações da realidade, com palavras extraídas dos próprios capítulos, em forma de graciosas ementas o que, a par de o seu tanto original, evidencia maneira segura para transportar o leitor à ação e ao exato momento dá trama. E houve ainda cuidado na seleção daqueles capítulos, seleção, diríamos até, quase de frases e de palavras. Nem mesmo o exagero de uma linguagem arcaica ou abuso de regionalismos seduziu LG no enxuto de seus períodos: usou-os moderadíssimamente quando por necessidade clamante do texto ou, ainda, quando nos finíssimos bocados do mais puro humor.

Tipos diversos da NAU DECAPITADA merecem uma única classificação: excelentes. Todos. Como excelentes são as quatro linhas que justificam o título do livro, como são as cinco ou seis que descrevem o baile de congo da vila de Nova Almeida, e em outros trechos mais em que a astúcia de um premeditado laconismo beneficia sobremodo a presença do leitor na ação.

O livro é uma prova de que nenhum pesquisador teria tido maior seriedade embora sem o menor sacrifício à criação literária. Mas, por mais que queiramos transmitir ao leitor o prazer de ir descobrindo, ele mesmo, as preciosida-

des abundantes na novela, não podemos perder a oportunidade de encaminhar sua atenção à linguagem de bruni-dos falares do major-relatar, bem como para o infeliz professor de Nova Almeida e sua Esmeraldina Especiosa, gen-tia bastarda, manceba e serviçal de jeito maneiro; nem para o maroto Miguel Martinez ou para o terrível mestre Simão Boncarneiro, o imperdoável surripiador do baú presidencial. Bons, por igual, são os tipos mui característicos do de-licado embora suspicaz Querubinho-Novilha e do alferes gaiteiro de Meaípe, o que "criava imensos gados que enchi-am o dia com seus mugidos."

Com a finura com que LG encadeia sua narrativa, as-senta fatalmente em agradar não só a leitores capixabas, como a todos nós, embora de outras províncias, mas que nos interessamos também, primeiro, por uma novela bem sucedida; depois, pela leveza do tema desta fabulosa NAU DECAPITADA que, antes de mais nada, é escrita bem no jeito brasileiro.

Rio, 26 de julho de 1982.

João Felício dos Santos

Havendo em mim uma inclinação natural para a descrição de acontecimentos, sirvo-me dela para expor tudo de quanto pitoresco e significativo pude coligir no desempenho de função à qual me vi conduzido por superiores desígnios e em virtude da minha condição de militar e bom cidadão. E, a meu modo e segundo minhas inclinações pessoais, produzi este singelo repositório de reminiscências cuja utilidade e valor lego ao juízo dos que o lerem.

De muita prestantia nesta exposição foi-me a fecunda memória com que me prodigalizou a Divina Providência favorecendo-me com o recordar frases e expressões ouvidas a meus interlocutores e com o descrever notavelmente gentes e lugares com invejável exuberância de pormenores, como vereis. Valeram-me, por ademais, os ensinamentos hauridos nos estudos que professei no seminário de Mariana os quais ficaram interrompidos por motivo de inesperada moléstia que me trouxe de volta à Província do Espírito Santo.

E previno que, por gosto e arrumação, vou anteceder cada capítulo desses meus assentamentos com uma frase que me haja caído no goto por seu sentido e eloquência. E assim começo.

I – buenas noches, Major: ha venido a tiempo

Foi com noite cerrada que toquei, naquele ano da graça de 1840, na povoação de Piúma, procedente da vila de Itapemirim a chamado do novo Presidente da Província para que o fosse recolher com tropa de animais convenientemente arreados a fim de o conduzir para Vitória onde assumiria o governo provincial.

Logo que recebi o recado da boca de mensageiro mameluco não atinei com fundamentos nem razões que justificassem a presença do senhor Presidente na localidade de Piúma.

Sendo eu Major do troço militar acantonado na vila de Itapemirim, é por verdadeiro que soubera antecipadamente que o novo Presidente, Bacharel José Joaquim Machado de Oliveira, estava prestes a chegar para substituir ao exonerado Doutor João Lopes da Silva Couto. Também tinha sido informado, por comunicado de meu Regimento, que se tratava de inteligente e mui ilustrada personalidade com anteriores passagens pelos Governos das Províncias do Rio Grande do Sul, Pará, Alagoas e Santa Catarina.

Enquanto me apressava no cumprimento da ordem recebida e já me achava indo com cavalos na direção da

localidade de Piúma, assaltavam-me pensamentos agourentos de permissão com o justo temor de que tão insigne autoridade se tivesse feito vítima de algum nefando naufrágio ou coisa parecida. Mas logo espantava tão pregoentas conjecturas por não me terem chegado notícias nem avisos sobre a ocorrência de acidentes marítimos porventura havidos em recentes dias nas costas da Província.

Foi desse modo, com a mente confusa, procurando atinar com os reais motivos daquele chamado, que ia vencendo no lombo da montaria as cinco léguas de distância que comunicam a vila de Piúma à de Itapemirim.

Em minha companhia cavalgava o alferes Anselmo, velho e experiente trilheiro das estradas que vazam as matas costeiras do norte e do sul do rio Itapemirim, empunhando o archote que designava o caminho a percorrer, atraindo, com seu facho, miríades de pirilampos que respingavam nossas caras.

Ao termos à vila de Piúma, povoação de ordinário pacata, rompia a noite pesada o alarido de vozes e canções sopradas pelo vento sudeste, oriundas das palhoças sitas na outra parte do rio. Ditas palhoças, erguidas naquele estuário, serviam de valhacouto para vendilhões e traficantes de escravos, bêbedos e mulheres dissolutas; o vozerio partia dessa chusma, engrossada, naquela noite,

como ao depois viemos a saber, pela barulhenta presença de um bando de marujos recém desembarcados em terra.

Não foi difícil localizar a casa que alojava o Presidente Oliveira. Consoante supus, estava ele com o velho Miguel Martinez, antigo morador do lugar, natural da Espanha e que se comprazia em albergar todos os viandantes que ali pernoitavam.

A casa, uma das poucas cobertas de telha na localidade, deitava fundos para a praia invisível na noite, somente pressentida pelo marulhar das ondas e pelo acre cheiro de maresia.

Quando bati à porta, bradando o habitual “ó de casa”, Martinez assomou à janela, até então trancada, por certo para evitar o enxame de pernilongos que esvoaçavam do lado de fora.

Ao avistar-me, exclamou no seu linguajar que misturava castelhano com português: “Buenas noches, Major. Ha venido a tiempo. Acérquese luego”.

Escutei-o em seguida dizer para alguém no lado de dentro da casa: “Es venido el major Marcelino a quien vosmecê se queda a esperar”.

II – desastroso imprevisto de viagem

Sendo-me dado acesso à casa, deparei dentro nela, assentado num banco de pau mal talhado, a pessoa do senhor Presidente Oliveira.

À luz tremuliente do candeeiro pareceu-me de pouca estatura; trajava fato escuro, trazia pince-nez acavalado no nariz e não escondia no semblante certo aspecto de cansaço. Ao dirigir-me a palavra fê-lo de forma calma, dizendo: “Bem-vindo, major. Aguardava apreensivo sua chegada. Se já não foi agradável a viagem por mar, com muitíssimos e lamentáveis dissabores, muito menos agradável seria o restar nesta localidade por prazo desnecessário”. Mas tão logo assim falou, pronto ressalvou, homenageando o hospedeiro: “Descontada, naturalmente, a honrosa hospitalidade a mim dispensada pelo senhor Martinez. Contudo, maiores encargos me aguardam na capital da Província aonde quero ir ter com sua ajuda, Major. E o mais prontamente que pudermos”.

De minha parte declarei-me estar apto a seguir suas ordens como manda o regulamento militar. Aprazou-se, então, a partida para o dia seguinte ao depois que fossem trazidos para terra os pertences que o senhor Presidente

deixara a bordo do brigue Vinte e Nove de Maio, fundeado na enseada de Piúma.

Dito fundeamento, fruto de desastroso imprevisto de viagem, foi a causa da paragem do senhor Presidente naquele povoado, conforme relato de que me fez sabedor, acerca do qual chegou a escrever uma memória e que o seguinte é este: o Presidente procedia do Rio de Janeiro de onde largou no dia 17 de setembro a bordo do brigue, naquele ano da graça de 1840. Poderia ter escolhido duas ou três embarcações que também estavam de partida para a Província mas deliberou pelo Vinte e Nove de Maio por carecer de mais tempo para arrumar a viagem. “Inspirado pelo meu mau fado, major” - não se cansou de repetir.

III – uma formidável desventura

Como sabeis, o mês de setembro prenuncia, ao longo da Província do Espírito Santo, a aproximação do verão: os dias são claros e sobeja o sol; predomina nessa época o vento soprado do Quadrante NE e o mar se presta à boa e fiel navegação.

Apesar disso, a viagem do brigue Vinte e Nove de Maio correu enfadonha e cheia de percalços, tendo o senhor Presidente atribuído as ocorrências à incúria da tripulação:

“Uns ignorantes e estúpidos, meu caro Major. Adivinhasse eu e não me teria alçado a bordo dessa maldita escuna. O mestre da embarcação era experiente mas, cercado pela gota, nenhuma voz poderosa tinha sobre a marujada; o contramestre, de nome Simão, debochado e obeso, atendendo pelo apodo de Boncarneiro (que creio tratar-se de corruptela da palavra Bucaneiro), revelou-se, a todo tempo, incompetente e cínico para ocupar a imediatice do comando. Uma desventura, meu caro Major, uma formidável desventura!”

O presidente estava nimamente aborrecido. Depois de reflexionar alguns instantes, prosseguiu: “A meio da viagem, pendurado no mastro grande do barco qual imenso chimpanzé, berra o maldito contramestre que já se divisava terra. Esta notícia tirou-me ao beliche abafado, com a esperança de ver acabar viagem tão monótona. Pois eram falsas as alvíssaras!

Boncarneiro, não sei se por ignorância ou intencional perversidade, confundiu, na madrugada nevoenta, a linha das nuvens com a silhueta das montanhas. Bastou o sol se firmar no horizonte para se desfazer o equívoco idiota. E ouça, Major: isso foi apenas duas semanas depois de termos zarpado do porto do Rio de Janeiro! Portanto, o pior ainda restava por vir, como verdadeiramente veio.

Impelida por ventos benfazejos, a embarcação se abeirou da baía de Vitória e, ao amanhecer do dia 4 de outubro, avistou-se claramente terra da Capitania que não se pôde desfazer em vapores como a anterior porque a fixaram os olhos práticos do mestre da embarcação. Já defronte ao Monte Moreno, vendo-se a rebentação da baía e, quando todos se aprestavam para a manobra de singradura conveniente, eis que escasseia o vento nesse momento precioso e oportuno. Cumulando os maus fados, uma aragem pouco favorável soprou de bombordo e nos impeliu de volta ao mar, praguejando do vento, barra, navio e contramestre.

Nessa desdita, desvaneceram-se de vez nossos longes de esperanças de chegar a porto. Foi quando, por desgraça de acréscimo, despencaram convés abaixo ambos os mastaréis com velas e cordoalhas que o estúpido contramestre, mais apurado em descobrir terras vaporosas do que em desempenhar seus deveres, deixou afrouxar-se, desdenhando de os reapertar como era de sua obrigação e encargo.

Nesse dismantelamento que nem sequer poupou, como sinal de mau presságio, a cabeça de proa do brigue, decepada e lançada ao mar por um troço do mastaréu partido, bordejamos a costa com decaimento para o Sul.

Finalmente, ganhamos esta enseada de Piúma, onde fundeamos e ora me encontro, tendo o grato prazer de conhecer vosmecê.”

Havendo o senhor Presidente finalizado com essas palavras sua exposição, o nosso hospedeiro fez servir aos presentes uma caneca de bom e amargoso café que a todos muito reconfortou.

Após a ingestão da bebida o Presidente ergueu-se e, cerimoniosamente pedindo licença, recolheu-se ao leito em cômodo que lhe tinha sido destinado, deixando a mim e ao alferes Anselmo entregues à exuberante loquacidade do dono da casa.

IV – essas reminiscências eram ditas em alto riso

Não se revelou, todavia, fastidioso o pedaço de noite em que o velho Martinez nos ocupou a atenção, discorrendo sobre os episódios extraordinários de sua atribulada existência. E tão pitorescos e incomuns me pareceram e tão dignos de nota que não resisto à vontade de vê-los relatados neste manuscrito, embora de modo mais simples e conciso do que a versão original.

E principio por dizer que Miguel Martinez era um homem crescido em idade mas de natural alegre, ostentando



L. 1100

ainda notável vigor físico que punha a serviço de seu variadíssimo labor pois tanto se dedicava às fainas da pesca como às penosas tarefas da lavoura.

Mas não faltavam vozes que dele diziam tratar-se de criatura ociosa, recolhido traficante de escravos que aumentara sua bolsa e cobrira de telhas sua casa com os gananciosos lucros do comércio de negros sem diferença do clandestino ou do regular.

Gesticulativo e loquaz, narrava seus numerosíssimos casos com abundantíssimas palavras e tanto maior disposição quanto mais ia ingerindo grossos goles de cachaça de permeio com suco de limão espremido diretamente na boca cheia de aguardente. “Es diurético, aqueice el alma e dasapierta el mijo” - dizia, dando estalos com a língua.

Contou-nos que tinha sido ele o hospedeiro do príncipe austríaco Maximiliano cujo pernitoou na vila de Piúma no ano de 1816 a caminho de Vitória. E se deliciava com o embaraçoso engano que cometera confundindo o príncipe com um mercador inglês.

Filho de açoriano e de mãe andaluza, Miguel nasceu no Poço Real de Espanha onde o pai servia de estribeiro ao rei.

Este nascimento coincidiu, em madrugada e dia, com o da Infanta Carlota Joaquina, que não era outra senão a

que depois seria rainha de Portugal pelo contraimento de núpcias com o príncipe D. João. A particularidade dessa coincidência marcou para sempre a vida do espanhol sendo causa e razão de sua vinda para a Província do Espírito Santo, como ao depois vereis.

Narrou-nos Miguel que nos idos da infância pegou-se de folgas e folias próprias da idade com a princesa Carlota Joaquina, a qual costumava ir ter às estrebarias do Paço para cavalgar as animálias que o pai de Martinez arreava. Tão azadas ocasiões terminaram juntando de muito perto os dois jovens na praticagem de mútuos escondimentos que se gravaram na lembrança do velho Martinez e o faziam gabar-se gorgulhosamente de ter sido o primeiro macho que viu as partes pudendas, e ainda anjas, da princesa.

Essas reminiscências eram ditas em largos risos, por seguro recordando o privilégio dessa sua fortuna antes que lhe viessem os maus dias se mudando tudo no começo de tamanha desdita como o tempo se encarregou de mostrar e logo sabereis.

V – vim dar a conocer el hijo al padre

Quando Carlota Joaquina consorciou-se com o príncipe regente D. João, a família de Martinez partiu para Portugal no séquito de criados da nubente na forma do costume.

As circunstâncias que marcaram as ligações de Miguel com a princesa fizeram dele, então viçoso mancebo, um dos muitos serviçais de quem se socorria Carlota Joaquina para aplacar seus apetites carnis nos descaminhos de conduta malsã que faz corar os homens de bem e ofende a história.

“Mui nobre mister, pero mui caro”, reconhecia judiciosamente nosso hospedeiro rememorando as funestas consequências cujo veio a padecer desses agasalhos amorosos, e, sobretudo, por causa das rixas com o Ramalhão. Este era o conhecido estribeiro da princesa tido e mantido como um de seus cameiros favoritos e que dizia ser o pai do infante D. Miguel, irmão do príncipe D. Pedro, futuro imperador do Brasil. Sem contar outras vozes, mais qualificadas, que davam essa paternidade ao Marquês de Marialva, Dom Pedro de Menezes.

O velho Martinez tinha mui diferente versão de tão controvertida quão desonrosa querela: “non fué nem uno nem el outro, pero si este siervo que vos sierve como servió a ella. Pues el nino parido non hubo de apellar-se Miguel como el padre?”

E para nossos ouvidos curiosos confessava Martinez haver entrado nesses conhecimentos através da própria Carlota Joaquina em melindrosa e peculiar situação por ele vivida.

Pois sucedeu que não se dispendo a satisfazer à princesa, em dia de ardentes desejos, preferindo doar-se aos mais cobiçados ardores de uma aia louçã que também vivia no Paço, tamanha afronta acabou sendo de muitos conhecida, disseminada nos longes e nos pertos e sem circunspecção por aquela mesma que mereceu os regalos do espanhol. A divulgação desta inconfidência fez explodir a ira de Carlota Joaquina que, sabedora disso, tomou-a como insolência e desmesurado insulto, valendo a Martinez a pena de expulsão do Reino.

Desse modo banido, Miguel reentrou nas terras pátrias de Espanha onde assentou praça nos exércitos de Carlos IV. E, tendo naquele tempo estalado a guerra entre as duas nações ibéricas, julgou chegada sua hora de vingança, indo a pelejar os portugueses, movido por dobrado furor, parte nascido do sangue espanhol e parte do desejo de desforra contra Carlota Joaquina.

Desgraçadamente, mui pouco durou esse momento de vindita. Malgrado a vitoriosa campanha de seus compatriotas, Miguel Martinez restou abatido na peleja de Campo Maior, tendo sido alvo de grossa carga de chumbo que se encravou na parte cheia da coxa. Neste triste estado, roto e ferido, deixou-se apanhar por mãos lusitanas sendo novamente conduzido para Portugal.

Conhecendo Carlota Joaquina a infortunada sorte do espanhol, dela não se apiedou, antes lhe cravou mais fundo os dedos infortunosos: fê-lo prisioneiro nas enxovias, onde Martinez purgou suas chagas de guerra e maldisse sua triste desdita.

E, conforme ele recordava, mal se tinham passado algumas semanas desta captura, já estando pensado bom pedaço da ferida que se virou em funda cicatriz para o resto da vida, Miguel foi visitado de inopino por sua algoz.

Apresentou-se ela debaixo de grande encapuçamento e envolta em pardo manto. Aparentava então, como relembra Miguel, o ventre prenhe e redondo que expôs desnudo ao prisioneiro, pronunciando na penumbra da masmorra essas eloquentes palavras que não podiam ser nascidas da mentira: “Vim dar a conocer el hijo ao padre. Y se calhar parir varão hei de cuidar que tenga el mismo nombre del padre pois há de chamar-se Miguel”.

Depois de assim falar, ali mesmo naquele lugar imundo tiveram-se mais uma vez como macho e fêmea, numa “increible fornicacion”, nas palavras do espanhol.

Saciadas suas redondas carnes, a desconcertante criatura saiu como entrou, encapuçada e cheia, abandonando o prisioneiro na mais cruel das prostrações, sem lhe haver concedido a graça da clemência.

VI – desatou a boca da alma

Foram mister alguns anos de paciência e espera antes que o perdão chegasse, finalizando tão prolongado cativo.

A ordem de soltura apontou com a invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão e veio junta com a do embarcamento de Miguel para a Colônia, enfiado a trouxe-mouxe na criadagem de Carlota Joaquina posta, depois, a seu serviço no palácio de Mata Porcos, na cidade do Rio de Janeiro.

Daí em diante não lhe correram os dias nem piores nem melhores, tanto porque, naquele paço, deparava-se também o Ramalhão, cameiro fiel da soberana, zeloso da fama de haver gerado nas famélicas entranhas o príncipe D. Miguel, como já se disse antes neste manuscrito.

Mas os negros dedos do destino cosiam e entralhavam para Miguel Martinez novas provações.

Com assaz frequência, o príncipe D. Miguel ia a visitar a mãe em Mata Porcos fazendo inevitável o surgimento de ciúmes atroztes entre Martinez e Ramalhão, ambos incontíveis nas miúdas atenções ao príncipe, sempre que a eles se dava azo para fugazes desvelos pelos motivos que cada um dos dois tinha, sendo públicos os de Ramalhão e escondidos os de Miguel.

Seguiram as coisas nesse estado de ódio instalado mas sem maiores revezes até os derradeiros dias do ano da graça de 1812, quando se descontiveram Ramalhão e Martinez em furibundo alvoroço engrossado de injuriosos impropérios.

No descontrole dessa altercância, para mal maior e pior de seus pecados, Miguel Martinez desatou a boca da alma e aproveitando chula canção a qual corria Lisboa, de todos sabida e por todos cantada, publicou, desvairado, o terrível segredo tanto tempo cravado no coração, proferindo essas palavras cheias de ódio:

“Nem de Pedro, nem de João
E mui menos do Ramalhão.
Pela greta da infiel
Emprenhei o nino Miguel.”

Como revide desta incontida e tresloucada imprudência, viu-se Miguel vitimado, no dia seguinte, por brutal agressão partida de dois mulatos capoeiras que sobre ele desabaram, deixando-o derreado no solo como se partido e moído seu inteiro esqueleto.

Não lhe bastaram, para o recobro das forças, oito longas semanas de padecimentos e salmoura.

Passados esses mortiços dias, inda trôpego e mal se sustendo no firme das pernas, foi ter à presença do Intendente de Polícia de nome Paulo Fernandes Viana. Movia-o o desejo de apresentar queixa contra o Ramalhão, ao qual Miguel atribuía a urdidura da sova que atrozmente o abatera.

Revelando pormenores ignorados pelo espanhol, o Intendente de Polícia desfez, sem mais contendas ou disputas, as pretendidas intenções do queixoso, dizendo-lhe que estavam, por trás da vil agressão, o dedo vingativo e o ódio implacável de Carlota Joaquina, ferida cruamente pelos ditos chistosos de Miguel. E, de acréscimo deu-lhe ainda o providencial aconselhamento para que partisse do Rio de Janeiro e se pusesse a salvo de outras e piores vexações. Como lugar de refúgio indicou as seguras terras da Capitania como era então conhecido o Espírito Santo.

Como auxílio o Intendente se dispôs a muni-lo de carta de recomendação endereçada ao Governador Alberto Rubim de cujo era amigo e que por certo se desvelaria em o atender no que fosse necessário para suavizar esse novo tempo de exílio em sua vida.

VII – nesta vila, encalhou a viver

Dessa forma, na companhia de algumas famílias espanholas chegadas num bergantim de nome **Santo Agostinho Palafox**, Miguel Martinez veio ter à Capitania, indo primeiramente se alojar com esses colonos na fazenda do branco casado João Felipe Calmon, sita defronte da povoação de Linhares, na margem sul do Rio Doce.

Segundo informou-nos, tinha a fazenda, denominada Bom Jardim, engenho de açúcar, fábrica de farinha e olaria onde se faziam famosa telha e tijolo, além de férteis lavouras a salvo do estrago das formigas tão encontradiças nas bandas do sul.

Ali Miguel demorou um naco de tempo, encarregado de manter a vigilância contra os insultos dos gentios Cuitês, vulgarmente chamados botocudos.

Desses passados dias, guardou o gibão de couro grosso que servia de peitoral e escudo contra as terríveis setas do gentio. O gibão era o mesmo mantido pendurado na sala de sua casa, juntamente com a carapaça de uma descomunal tartaruga.

Da fazenda Bom Jardim, contou o espanhol que desceu pela costa trilhando a estrada guarneçada com quartéis de pedestres, ganhando Vitória.

Na capital da Capitania muito lhe aproveitaram, junto ao Governador Rubim, as valiosas palavras da carta de recomendação do Intendente Paulo Viana. Recebeu, por tal ajuda e proteção, o posto de inspetor da recém-constituída colônia de Santo Agostinho, fundada com casais açorianos trazidos do Rio de Janeiro.

Nasceu daí o aprendizado de Miguel nas artes da plantação da mamona e da criação do bicho da seda até que “mi ardiente sangre”, como se justificou, envolveu-o com a mulher de um dos colonos, obrigando ambos a abandonar a colônia numa esbaforida retirada para porem cobro à vida.

Da localidade de Santo Agostinho, arrostando toda espécie de tropeços, o casal bateu em fuga para a fazenda de Araçatiba, sita à margem esquerda do rio Jucu. Nela, teve indormido pernoite, depois de errar durante vários dias por tortuosos caminhos.

No dia seguinte, deixando para trás a portentosa fazenda cujos imensos canaviais e casa assobradada se gravaram vividamente na memória de Miguel, e viajando numa instável piroga, o casal desceu as barrentas águas do rio Jucu até alcançar o estuário no ponto onde fica a estação da Barra.

Nesse local, em montarias ali contratadas, maquinaram ambos o plano de seguirem com destino à corte pela estrada

geral. Na localidade de Piúma, porém, estando grávida a mulher, conheceu ela as dores inesperadas da **delivrance**. Por mal das febres contraídas veio a enfermar com gravidade, perecendo logo depois, lançando sangue pelas partes com grande cópia.

O espanhol desistiu de continuar a fuga planejada e deliberou se estabelecer para sempre na povoação de Piúma. Nesta vila, encalhou a viver, entrando os anos da velhice amancebado com mulher forra e parda.

Neste ponto da conversa, tendo demonstrado ao meu hospedeiro o interesse em me recolher, fomos conduzidos, eu e o alferes Anselmo, que pacientemente tinha permanecido ao meu lado, aos catres reservados para nosso pernoite.

Findou, desta maneira, arrematada com as narrativas de Martinez, a noite em que travei conhecimento com a pessoa do novo Presidente da Província ao qual o destino me colocou a seu serviço como dito antes e melhor vereis no que se segue narrado.

VIII – o brigue enfunava velas

No outro dia saímos da casa do velho Martinez pouco antes das dez horas da manhã. Apesar do sol quente e forte, o vento sudeste atenuava pela metade o calor.

O senhor Presidente tinha-me requisitado para ir ter à praia na sua companhia com o propósito de recolher de bordo do brigue, fundeado ao largo da enseada, o baú de viagem contendo os seus pertences. Conforme me deu participação, havia concertado com o mestre da embarcação aquele horário para esse mister.

Na praia, uma canoa estava sendo empurrada para o mar sobre roliços troncos de madeira quando percebemos, com indescritível aturdimiento, que o brigue enfunava velas e se fazia ao largo.

Olhando para o senhor Presidente pude notar sua lívida face de mortífero ódio, não logrando ele conter uma expressão de férreo desgosto: “Filhos de uma égua parida. Mandam-se ao mar e me deixam cá em terra sem bagagem e sem fato para a posse no Governo”.

Enquanto assim falava voltou-se para mim, que via ficarem agravadas as desventuras de tão ilustre viajante naquela desditosa jornada rumo ao governo da Província, proferindo estas palavras peremptórias: “Fique inteirado, Major, que doravante me são de suma importância seus préstimos militares os quais adjudico em regime de confiança pessoal, fazendo-o meu ordenança. E lhe recomendo dar incansável encaço aos moleques que me subtraíram o meu trem de viagem.”

Havendo deliberado com firme determinação sobre meu requisitamento, o senhor Presidente acrescentou, com não menos indominada ira: “Com os demônios, que não fique sem reparação este agravo do qual estou sendo vítima”. E assim se assentou naquele momento.

Como vim a saber depois, incluíam-se na sua bagagem livros de estimada leitura, preciosas obras de Rousseau e Voltaire, havidas a peso de ouro. Delas dizia o senhor Presidente:

“Trata-se de clássicos franceses, Major, clássicos franceses, que me vieram especialmente da Europa e Deus sabe a que duras economias.”

IX – conhecido antro de vendilhões e marafonas

O lastimável incidente abateu sumamente o Presidente que para cousa alguma achou ânimo naquele dia, ficando combinada para a manhã seguinte a partida da povoação de Piúma.

Dada essa deliberação pude me valer da parte da tarde, no cumprimento das ordens recebidas, para as primeiras averiguações que julgava propícias serem feitas no povoado de Piúma, tendo por objeto o brigue Vinte e Nove de Maio e sua tripulação.

A súbita partida da embarcação, contrariando o acordado entre o mestre do navio e o senhor Presidente, punha-me confusos o espírito e a mente.

Estas reflexões me levaram a pedir o auxílio do alferes Anselmo cujo destaquei para me prestar ajuda, vasculhando os sítios nos quais andaram os marujos do brigue, ou algures onde houvesse sinais de sua passagem, inquirindo as pessoas com as quais eles privaram e folgaram.

Dei recomendação especial para que o dito alferes percorresse as palhoças da margem esquerda da barra do rio Piúma, conhecido antro de vendilhões e marafonas, obrando com zelo e inteligência para tirar o maior proveito das perguntas que fizesse; e do que visse e ouvisse me prestasse relato por inteiro.

Obrou o alferes com tal diligência nessa atividade que, ao cair da noite, regalou-me com extenso conteúdo de boas novas as quais me foram de muita validade para indormida meditação.

Todavia, só os posteriores sucessos, que lereis no seguimento deste relato, puderam trazer luz para o desvendamento completo dos acontecimentos.

X – as fugentes velas de uma embarcação

A povoação de Piúma comunica com a vila de Benevente na distância de duas léguas que foram vencidas a cavalo na manhã do dia seguinte.

Durante esse percurso o senhor Presidente pouco falou, sendo suposto atribuir esse silêncio à sua má disposição em razão dos deploráveis aborrecimentos vividos naqueles últimos dias. Nas poucas ocasiões em que se dignou me dirigir a palavra foi para inquirir das cousas que mais lhe feriam a atenção durante nossa jornada.

À medida que nos aproximávamos da vila de Benevente, distinguiam-se, de partes em partes, sítios frutíferos e roças de boa feitura, eretas umas em terrenos contínuos, e outras em separado. Neles se praticava a lavoura de subsistência apesar dos estragos causados pela formiga saúva de prodigiosa reprodução e daninho trabalho.

Uma plantação de florescente café, ocupando vasta área, provocou admiração no senhor Presidente. Mas como eu não lhe soubesse designar o nome do proprietário, meu ilustre acompanhante recolheu-se novamente ao mais taciturno emudecimento do qual havia saído momentaneamente.

Para entrar na vila de Benevente, procedente do Sul, tem o viandante de transpor em canoa o rio que dá nome ao local por ser desprovido de ponte a qual seria de muita comodidade dos povos. A vila fica a montante da barra desse rio e quando chegamos notava-se apreciável movimento de sumacas e canoas.

Nossa permanência foi curta, tendo sido porém o senhor Presidente acolhido de condigna forma pela Câmara e pelas pessoas mais principais do lugar.

No extinto colégio dos jesuítas, construído numa elevação de onde a vista domina o mar, e ao presente convertido igreja paroquial, seu estado de ruína causou má impressão ao senhor Presidente. O pároco aproveitou-se dessa vantagem e requereu os favores do erário público para restaurar paredes e tetos. O requerimento foi feito oralmente tendo o senhor Presidente prometido apreciar o requerido tão logo assumisse o governo da Província. Outro requerimento foi o de lavradores num pedido de socorro para a exterminação dos flagelos das formigas que com sua voracidade esterilizam os terrenos para a boa lavoura.

Mesmo ficando tempo assaz curto nessa vila de Benevente procurei informar-me do brigue Vinte e Nove de Maio.

Deram-me novas, porém de pouca valência, dizendo alguns pescadores ter lobrigado as fugentes velas de uma

embarcação rumando para o Norte, na manhã do dia anterior. Nada suficiente pude conseguir, além disso. Melhor sorte me esperava na vila de Guarapari, como direi.

XI – imensos gados que enchiam o dia com seus mugidos

Bem mais demorada foi a marcha entre a vila de Benevente e a de Guarapari, pela razão da maior distância dos caminhos e pelos infundáveis obstáculos defrontados nesse trecho consistindo em pequenos riachos, altas ribanceiras, pedaços arenosos de praia alagados pelo mar, variadas colinas e brejos secos e úmidos. A jornada torna-se, portanto, irregular e os homens e animálias vítimas naturais da fadiga.

Quando chegamos à estação de Meaípe, lugarejo de pescadores voltado para o Sul e banhado por um mar fortemente azul, havia passado o meio-dia.

Apesar da fome e do sol mortificante que caía sobre nossas cabeças fazendo o suor pingar em gotas, não quis o senhor Presidente atalhar a marcha naquele sítio, mandando que se seguisse em frente; daí deixar-se o povoado à direita para se subir por uma picada galgando o morro coberto de vegetação rasteira, sito por detrás da povoação de

Meaípe, alcançando-se, à distância de meia légua, a casa do alferes Pedro João, o gaiteiro.

Essa casa, assentada na colina à beira-mar, permitia descortinar a mais aprazível vista da região.

O alferes Pedro João era um antigo marinheiro vertido em lavrador, tendo cultivado uma boa capinada de terra à roda de sua habitação onde plantou a cana e a mandioca extraíndo dessas lavouras excelente aguardente e farinha de boa qualidade. Num grande cercado de muito bom pasto criava imensos gados que enchiam o dia com seus mugidos.

Esse homem laborioso e feliz recebeu-nos amavelmente e com extrema naturalidade. Só me lembro de haver notado sinais de inquietação em seu semblante quando o senhor Presidente se aproximou de um pitoresco papagaio gritador, empoleirado numa armação de madeira no beiral da casa, debaixo de um telheiro de palha. Tendo o papagaio com assaz estridência e nitidez esganiçado o nome NICO, berrando-o aos quatro ventos, interessou-se o Presidente por conhecer a pessoa que por essa graça atendia. Ao que o alferes, não ocultando visível embaraço, explicou que “não era ninguém, mas um antigo boi de estimação, perecido recentíssimamente, cujo nome o papagaio aprendeu a falar por ouvir chamar o animal por essa forma”. O nome que a ave assim gritava era, pois, o do boi morto, na explicação dada.

O alferes Pedro João deu também informação de ter lampejado, no dia anterior, as velas de um brigue navegando na direção da vila de Guarapari, segundo foi esse o seu entendimento do alto do posto em que fez esta observação e que era sua casa naquela colina à beira-mar.

Esta notícia me encheu a vontade de logo partir para a vila de Guarapari na esperança de alcançar a fugidia embarcação que à nossa dianteira seguia ou de, pelo menos, encurtar a distância que dela nos separava. Mas tive de refrear tal anelo, ainda que intimamente contrafeito, por haver o Presidente ordenado o contrário, isto é, o adiamento da viagem para o dia seguinte.

Conformei-me então em ver desperdiçar valiosas horas nesse empatamento desnecessário, impedido de avançar na perseguição ao brigue e, por ademais, condenado a tolerar, com semblante ameno, a tediosa exibição de gaita com que nos quis alegrar o alferes após a janta.

Consistiu esta, primeiramente, numa tigela de graúdas e redondas tanajuras fritas cujas foram polidamente recusadas pelo Presidente, explicando: “Tenho por hábito privar-me de alimentos estranhos ao meu paladar, prevenindo os dissabores de incômodos digestivos”.

Foi-nos servida então uma succulenta sopa de tartaruga, espécie abundantíssima na região que o senhor Presi-

dente aceitou de bom grado, dela se repastando com tal disposição que me causou surpresa.

E tão agradavelmente lhe soube ao paladar que me encarregou de pedir a receita à mulher do alferes que se derramou em satisfação em poder atender ao ilustre comensal.

Quanto à exibição de gaita que se seguiu ao jantar teve ela o dom apenas de conseguir enfadar-me quase ao limite da indelicadeza e apressar o desejo de ver terminar aquele pernoite inoportuno e retardativo.

XII – dois marinheiros chegados do alto

Logo que brotou o dia, apresentamos as despedidas ao alferes e partimos no rumo da vila de Guarapari.

O alferes esmerou-se em desculpas, imensamente molestado com a indisposição noturna que acometeu o senhor Presidente, forçado a se aliviar várias vezes de umas dores entéricas convulsivas que mui o atormentaram e quase o tiveram morto.

Nessas circunstâncias, a noite mal dormida assaz o abateu, tendo ele acordado naquela manhã bastante decaído, com olhos pisados e fundos e a tez emaciada. Para seu desconforto, os solavancos da montaria, no percurso para

a vila de Guarapari, afligiram inda mais sua combalida saúde, levando-o a praguejar o tempo todo e a maldizer da sorte. “Foi a sopa, Major, a maldita sopa de tartaruga da qual parece que me coube o caldo do casco. Livrei-me das tanajuras mas me ensopei de um mal maior, que me fez em fezes a noite inteira”.

Acudiu-me dizer que o mal maior tinha sido a exibição de gaita do alferes, mas calei-me, silenciando o meu pensar.

Na vila de Guarapari, que jaz à margem direita da embocadura do rio de igual nome, achou por bem o senhor Presidente fazer momentânea pousada no colégio paroquial construído em elevado sítio do qual se perlustrava toda a povoação com suas ruas regulares e casas bem alinhadas.

Daquele alto, relanceando a barra e o braço de mar que dá entrada ao embarcadouro da vila, onde se notava grande número de canoas de pesca, desenganei-me de todo: do brigue **Vinte e Nove de Maio** nem proa nem popa, nem mastros nem velas.

Mesmo assim, enquanto o senhor Presidente recobrava o ânimo e aguardava lhe fosse subministrado um chá de erva doce para panaceia dos seus incômodos, desci à vila, alegando o pretexto de ir ali encontrar alguns parentes.

Fui direto à taberna localizada na boca da rua que dá acesso ao embarcadouro, lugar procurado por pescadores e trapicheiros para se aprovisionarem de aguardente e mantimentos. Uma tabuleta de madeira, sustida por argo-

las azinhavradas, trazia inscrito o seguinte nome, em caracteres negros: “Taverna AREA BRANCA”.

Naquele reduto de embarcações no qual minha presença, em figurino militar, causava geral constrangimento, perguntei ao taverneiro cujo conhecia pessoalmente: “Diga lá que novas me dás de estranhos nestas bandas entre hoje e a data de anteontem?”

O taverneiro, um pescador que largou a vida do mar para se dar ao comércio, não se fez de rogado: “Vosmecê, meu comandante, até que adivinha pois antontem arribaram aqui dois marinheiros chegados do alto. Gente nunca vista neste lugar, sendo unzinho mais novato e o outro, assim assim mais gasto de idade e mais grandalhão. Chegaram num barquinho que largaram preso nos ferros do trapiche e carregaram charque e farinha, pagando em moeda”.

Como insisti fazendo outras perguntas, ouvi do taverneiro esta fala esquisita e curiosíssima: “O homem mais velho pediu um à parte para saber se aqui na vila tinha mestre-escola de bom saber”.

Ocultando a imensidão da surpresa que esta informação me causava, quis ouvir a resposta dada pelo taverneiro cujo me informou que disse o verdadeiro, sabido das gentes, isto é, que o “único lente que dá as aulas nesta vila é o professor Netinho mais chegado à mania de criar galinha pé duro do que pôr tento nas artes do seu ofício”.

Certo de que era tudo que podia aproveitar da boca daquele informante, dele me despedi, partindo ao encontro do senhor Presidente.

Enquanto cavalgava morro acima na direção do colégio paroquial, acudiam-me as palavras ouvidas ao taverneiro, impondo-se com estranheza em meu pensar: “... pediu um à parte para saber se na vila tinha mestrescola de bom saber”.

XIII – resolvi manter em mudo segredo

Defronte da igreja, o Presidente já se postava a cavalo pronto para a partida. Tinha acabado de acolher uma representação da câmara em suplicância do socorro do Governo Provincial para formar patrulha capaz de entrar naquele sertão a dar combate aos negros aquilombados às margens do rio Engenho Velho donde acometiam os lavradores semeando o desassossego com suas tropelias e estragos.

Via-se que o chá de erva doce tinha-lhe trazido as melhoras pois exibia o semblante ameno e repousado. Ao me avistar dirigiu-me estas palavras: “Já lhe tinha deixado recado, Major, para o caso de possível desencontro”.

Roguei-lhe desculpas pelo atraso involuntário sem contudo nada adiantar das averiguações feitas as quais resolvi manter em mudo segredo até lograr o entendimento do seu exato sentido. Cheguei em cuidar de fazer algum tipo de comentário com o alferes Anselmo que tinha permanecido na igreja paroquial não me acompanhando à Taverna mas me contive dizendo para comigo “caluda, boca”, e assim fiquei.

XIV – uma moqueca de papa-terra

A partida da vila de Guarapari foi naquela manhã que era o dia 12 de agosto, depois de se transpor o rio em local apropriado no bojo de grandes e seguras canoas.

Costa acima, a estrada segue o litoral até a barra do rio Jucu na extensão de oito léguas. Há ao longo desse caminho diferentes lugares que dão a visão cheia do Oceano; noutros, a estrada foge para o interior sem contudo distar grandemente do mar, cujo ronco acompanha o viandante como um besouro.

Antecedente da estação de Jucu, onde chegamos às cinco horas da tarde, descansamos no local denominado Ponta da Fruta.

Nessa localidade, habitada por pescadores pobretões que passam a maior parte do tempo entregues ao ócio, foi-nos servida para o almoço uma moqueca de papa-terra, peixe de cor avermelhada, assaz apetecível e de prodigiosa fartura no litoral da Província.

Causou-me conforto ver a fome galga do senhor Presidente regalando-se com as largas postas do peixe, servido fervente em panelas de barro e comido com fartas colheradas de pirão que é farinha de mandioca cozida em bom tempero. Pude notar, desse modo, que ele se restabelecera por completo dos malefícios produzidos pela sopa de tartaruga que tanto estorvo lhe causara.

Diante desta constatação não contive o atrevimento de inquirir: “Com o devido respeito, senhor Presidente, a vosmecê não apetece que também seja anotada a receita desta iguaria?”

Fixando-me por alguns instantes com seus olhos penetrantes, respondeu com firmeza: “Acato a sugestão, major. Proceda, porém, ao registro da receita para substituir a outra, da sopa de tartaruga, da qual não quero levar nem a lembrança”. E tendo procedido à anotação, sou tentado a transcrever aqui, como faço, a receita da moqueca de papa-terra conjuntamente com o inseparável pirão que a acompanha e tal como me foi ditada pela mulher que a preparou: “escama e limpa o peixe cortando em postas, lavadas



2000

com limão. Corta coentro, cebolinha verde, cebola e tomate, mistura e faz uma cama no fundo da panela de barro; ajunta sal, um pouco de urucum e de azeite doce e, em cima desta cama, bota as postas bem arrumadinhas. Deixa no fogo e chega mais tempero sem mexer as postas para não desmanchar, balançando a panela para não pegar no fundo até ferver. Na fervura o peixe vai soltando água e, enquanto ferve na panela, bota mais caldinho do tempero em cima dele com colher de pau até ficar bem cozidinho e macio”.

O pirão de farinha de mandioca é feito também numa panela de barro, adicionando-se a farinha no caldo da moqueca, podendo ser preparado outro caldo com a cabeça ou com o rabo do peixe, juntando limão ou sal conforme for de gosto e paladar, servindo-se o pirão fervendo na panela como acompanhamento da moqueca. Peixe e pirão chegam fumegantes à mesa, irradiando calor e predispondo ao apetite. E só quem provou sabe: o prazer da moqueca começa pelos olhos.

XV – a visão vaporosa do brigue

O perigo que oferece a passagem da barra do rio Jucu com maré alta, tornando a travessia pouco fiel, aconselhou

nosso pernoite no local. Assim, somente retomamos a viagem na manhã do dia seguinte.

Enquanto cavalgávamos no rumo da Capital, assombrava-nos a imagem longínqua e píncara do Convento de Nossa Senhora da Penha que sobressaía erecto na colina perto do Monte Moreno.

Aproximava-se a metade do dia quando, finalmente, pelo caminho da mata, contornando brejais e a ínvia vegetação, defrontamos a baía do Espírito Santo, no lugar dito Pedra d'Água, o qual deriva seu nome do formato que essa pedra representa que é um grande rochedo escalvado cuja arredondada coroa aflora na linha d'água.

Dessa paragem, atravessando-se a baía, tem-se a majestosa visão da boca da cidade de Vitória, destacando-se a maciça figura do Penedo, de um lado e, do oposto lado, os muros do vetusto forte de São João; na linha dianteira dos olhos, na outra banda da baía, assoma o portentoso morro de Jucutuquara.

Como Pedra d'Água é estação de chegada obrigatória dos viandantes que provêm do Sul da Província há ali sempre barcas para a travessia.

Tendo eu ordenado que o alferes Anselmo nos antecesse em marcha batida levando aviso da nossa breve chegada, deparamos, naquele lugar, com uma solene comitiva de pessoas as mais principais todas com jeito de gosto e

agrado, tendo à frente o próprio Presidente Silva Couto, que aguardava seu substituto. Dele nos veio a honra da primeira fala, dirigida ao Presidente Oliveira: “Apraz-me dar-vos as boas vindas, Excelência. Esperávamos vossa chegada pela via marítima quando me chegou aviso de que tínheis escolhido o percurso pela Estrada Geral. Como fostes de viagem?”

A resposta do recém-chegado foi peremptória e eu lhe conhecia as razões próximas e afastadas: “Um mau fado, Senhor Presidente, um mau fado. Posso considerar-me um verdadeiro naufrago sobrevivente com a roupa do corpo, dando graças ao bom Deus por chegar, enfim, são e salvo”.

Mal ele assim se exprimiu, tive por devaneio, podendo ser isso a efeito do dia quente de fortíssimo sol, a visão vaporosa do brigue **Vinte e Nove de Maio** impelido por enfunadas velas adentrando mansamente a baía diante de nossos narizes.

Tão inconveniente quão inoportuna miragem pouco durou no meu sentido, logo se dissipando, felizmente, enquanto me soava aos ouvidos o restante da frase proferida pelo Presidente Oliveira “... quanto ao baú de viagem hei de reaver ao brigue mais cedo ou mais tarde e não me pouparei para que nisso se ponham toda disposição e afinco”.

XVI – com fivelões dourados e alças laterais

Passarei em silêncio as demonstrações de júbilo havidas na posse e recepção do Presidente no Governo da Província debaixo de muitos vivas e aplausos e outras muitas demonstrações de alegria; mencionarei somente seu consternamento por ter de trajar a mesma roupa usada durante vários dias na viagem para a Província.

O dia seguinte ao da posse passou-se na publicação das providências de estilo comuns aos inícios de um novo governo. Nesse mesmo dia, despedi-me do bom alferes Anselmo que retornou para a vila de Itapemirim onde era aquartelado.

Conforme fora decidido na viagem, o senhor Presidente oficiou meu requisitamento para os serviços adjuntos à sua pessoa. E continuava firmemente agarrado ao propósito de recuperar o trem de viagem que lhe fora subtraído, recusando-se a dá-lo por perdido, não abrindo mão de castigar os culpados dessa condenável ação.

Em virtude dessa teimosia afincada, no maço dos ofícios que foram expedidos às diversas autoridades espalhadas nos diferentes longes da Província, informando, nos costumeiros conformes, a posse do novo governante, acrescentou-se um outro sobre o brigue **Vinte e Nove de Maio**.

Consoante foi-me incumbida a redação desta correspondência, da qual conservei cópia, posso reproduzir o teor das palavras endereçadas ao geral conhecimento de delegados e subdelegados, sendo o seguinte: “Havendo o senhor Presidente desta Província sido vítima de furto praticado em sua bagagem pessoal, consistente num grande baú de couro com fivelões dourados e alças laterais que se supõe jazer a bordo do brigue **Vinte e Nove de Maio**, venho prevenir a essa autoridade policial para que diligencie no sentido de apurar sobre o paradeiro do mencionado brigue e paradeiro de sua tripulação com apuro maior do mestre e contramestre. De tudo deve ser dado conhecimento imediato ao Senhor Delegado de Polícia da Capital ou diretamente a esta Presidência sendo de palpitante necessidade e interesse que as informações tenham caráter sigiloso para não prejudicar as providências que cumprirem serem adotadas. Assinado - Machado d’Oliveira - Presidente da Província”.

XVII – importantíssimo e intrigante pormenor

Bastaram alguns dias da expedição desse ofício para que chegasse às mãos do senhor Presidente providencial resposta subscrita pelo subdelegado da vila de Nova Almeida

e datada de 25 de outubro de 1840, do conteúdo seguinte: “Ilmo. e Exmo. Senhor: Dou parte a Vossa Excelência que empreendendo diligência nesta povoação, indagando das pessoas do lugar e arredores, pude conhecer que em dias passados, antes da augusta posse de Vossa Excelência na Presidência desta Província, fundeou ao largo da barra do rio dos Reis Magos, que banha esta vila, o brigue **Vinte e Nove de Maio**; por não me encontrar presente, afastado em diligências expedidas para defesa e guarnição da povoação e das gentes a ela vizinhas, ameaçadas do gentio, como ainda há pouco tempo, à vista das casas, fizeram uma morte, não testemunhei o fundeamento da nau nem presenciei a chegada em terra, conforme me foi informado, de alguns tripulados de bordo que nessa povoação se entregaram, durante a noite, a toda sorte de estrepolias, de mistura com gentes de baixo calão, fruto do excesso de beberagem. Foi-me também dito que dentre os marujos, um deles, grandalhão e palreiro, buscou saber da casa e da pessoa do mestre-escola as quais lhe foram designadas por quem podia dar informação. Não tendo tido nenhum outro esclarecimento sobre o assunto, antes de ordenar o seguimento de qualquer providência, recomendou-me a cautela aguardar ordem de V. Ex^a., como passo a fazer. Deus guarde Vossa Excelência: Assinado: Francisco Moura Felisberto - subdelegado de Nova Almeida”.

A recepção deste ofício provocou, por ordem do Presidente, minha pronta partida para a vila de Nova Almeida o que fiz, logo no dia seguinte, rumando a cavalo.

Enquanto cavalgava naquela direção, aguçava minha curiosidade a menção contida no ofício do subdelegado sobre o interesse, demonstrado pela gente do brigue, em achar a casa do mestre-escola da vila de Nova Almeida. Esta circunstância havia se dado também na vila de Guarapari, conforme antes relatado.

Semelhante coincidência dilatava minha curiosidade e me deixava ansioso por chegar depressa a destino a fim de esclarecer este importantíssimo e intrigante pormenor.

XVIII – Possidônia, o que tens?

A vila de Nova Almeida dista de Vitória sete léguas. Nela moram pescadores e agricultores que vivem em palhoças formando um casario sem grandeza alinhado perto da praia que é suja e estreita.

Por detrás dessas casas fica o morro onde sobressai o imponente colégio que foi dos extintos jesuítas e é da invocação dos Reis Magos o qual antigamente dava o nome ao lugar.

Defronte da vila, escorre o rio de turvas águas cor de mate com barra de pouco fundo. O rio admite embarcações de oito palmos de calado, sendo contudo necessário ir um prático dar-lhes entrada por causa dos bancos de areia movediços que tem na enseada onde se acha um bom ancoradouro bastante abrigado.

Enquanto me aproximava da vila onde o comércio é nenhum, crescia nos meus ouvidos o aceso batuque de um baile de congo. O som nascia de casacas, que são recorcos com cabeças entalhadas, e de tambores tocados por um magote de gente, reunindo negros e mulatos. Os tocadores ora ficavam parados, ora andavam de um lado para o outro, sempre juntos, arrastando atrás deles uma porção de pessoas que cabriolavam levantando a poeira do chão. À medida que assim tocavam emitiam seu canto repetido e monótono que parecia não ter fim.

Com demasiado esforço pude entender, e apenas pela metade, aquele cântico gritado e fanhoso que o vento levava e que consistia para mim numa intrigante pergunta: “Possidônia, o que tens?”. Não me foi possível, porém, atinar com o restante da frase que se espichava no ar.

O meu advento inesperado em trajes milicianos diante daquelas ingênuas criaturas fez calar-lhes a cantoria e o silêncio subitamente pesado e respeitoso só era rompido pelo marulhar leve das águas na prainha próxima.

Disse ao que vinha e prontamente estava na presença do subdelegado, alcunhado Chico Felisberto, indivíduo solícito, de cor amarela, trazendo na enorme boca rasgada fortes dentes pregados nela.

Sua pessoa não me conquistou a benevolência. Aquela criatura subserviente teve o dom de me irritar sem aparente razão senão sua própria aparência. Confiei-lhe, sem perda de tempo, o propósito de ir ter com o mestre-escola do lugar no que fui atendido pelo subdelegado que me levou à morada do professor Antunes, que essa era sua graça.

Não foi difícil chegar ao lugar, embora tivéssemos de galgar primeiramente uma encosta de duro chão argiloso escavado por profundos sulcos causados pelas chuvas.

Dita encosta, bastante íngreme em certos trechos, ficava por trás do casario miserável fronteiro à prainha por onde antes eu havia passado e onde o enfadonho batuque do congo tinha recomeçado.

Ao escutar novamente aquele baticum e cantoria, perguntei ao subdelegado sobre o preciso significado do que estavam cantando.

Abrindo num sorriso sarcástico sua boca de grandalhos dentes, explicou-me que na véspera da minha chegada uma mulher, moradora no lugar, de nome Possidônia, dera pelo sumiço de um grande peru que trazia na engorda, tendo em vão procurado a ave de casa em casa, muito se lamuriando do seu desaparecimento.

E depois dessa busca infrutífera, aos que indagavam o motivo de sua consternação, vendo-a pesarosa e triste, acovelada à janela de sua casa na vigília paciente da ave sumida, dava como explicação a dó que sentia pela falta do peru.

Foi o quanto bastou para que a banda de congo improvisasse a toada, interminavelmente repetida, cujo completo significado me escapava e que, no entanto, era o seguinte: “Possidônia, o que tens? É dó do peru.”

Enquanto me narrava esse episódio, continuávamos subindo a ladeira que servia também de acesso para o extinto convento dos jesuítas, construído numa situação sobranceira, donde era possível, dilatando a vista, divisar o magnífico panorama daquele território.

A casa do mestre-escola era a derradeira das poucas naquele tabuleiro de morro, “rente a uma lavoura de abacaxizes” no dizer do subdelegado Chico Felisberto.

À medida que dela nos aproximávamos o subdelegado confidenciou-me particularidades da vida reclusa do professor Antunes, devotada aos livros e à leitura.

Tratava-se de pessoa de larga sabinça, habituada a ler e declamar os poetas latinos com assaz desembaraço, embora seu mister consistisse apenasmente em dar as aulas régias. Como no lugar reinava a mais crassa ignorância e completa estultice, o professor era tido como criatura extravagante e arredia.

Em sua companhia viveu uma gentia bastarda, manceba e serviçal, de jeito maneiro, e que atendia pelo esquisito nome de Esmeraldina Especiosa.

Essa mulher, que depois vim a conhecer, possuía incríveis olhos verdes e demonstrava grande submissão ao professor que contudo a destratava de forma rude, abusando da mansidão daquele ser ingênuo e primitivo.

XIX – uma preciosa coleção de autores franceses

O mestre-escola recebeu-nos com circunspecta hospitalidade. Mandou que entrássemos e nos indicou um comprido banco de peroba escura onde nos assentamos no cômodo dianteiro da casa. Na parede fronteira ao banco havia abundante quantidade de livros enfiados sobre tábuas sobrepostas, apoiadas em tijolos cozidos, formando prateleiras.

No centro dessa sala apertada e diminuta, uma mesa rústica, à qual se assentou o professor: exibia outros tantos livros e mui velhos opúsculos. Uma pena de cobre de escrever descansava dentro do tinteiro.

O professor, de natural esguio, tinha feições com maçãs proeminentes; embora não tivesse os cabelos grisalhos representava já ser entrado em anos. Suas mãos revela-

vam o descostume das fainas pesadas malgrado as unhas encardidas e longas.

Como se colocasse à nossa disposição dizendo “sou todo ouvidos”, o subdelegado pigarreou para tomar a palavra. Atalhei antes que o fizesse e me antecipei dizendo do objeto de nossa visita que consistia em conhecer os motivos que teriam levado os marinheiros do brigue **Vinte e Nove de Maio** a ir procurá-lo, consoante notícia de todos sabida na vila. “Isso deveras sucedeu?” perguntei.

Depois de ouvir minhas palavras o professor respondeu em tom grave e a resposta dele foi a seguinte: “Efetivamente, senhor Major, vieram-me cá à casa dois desses a quem vosmecê mencionou, sem que eu os conhecesse ou lhes mandasse aviso; um deles, não passava de neófito grumete; o outro, todavia, era grandalhão e solerte e deu a graça de Simão. Movia-os o propósito de me alienar uma preciosa coleção de autores franceses que disseram trazer do Rio de Janeiro. Como eram clássicos do meu gosto, efetivei a compra”.

E, apontando-me para as obras de Rousseau e Voltaire que havia por essa forma adquirido, que não eram outras senão a perdida coleção de clássicos do Presidente Machado d’Oliveira, disse: “Preciosidades literárias, meu caro Major, cujo inexcedível valor ignoro se vosmecê alcança”.

Infelizmente, para o professor, eu alcançava o inexcedível valor das ditas **preciosidades**. E foi sobre isso que passei a lhe falar para seu incontido desespero, conforme podeis prever.

XX – um enérgico desabafo

É assaz embaraçoso exprimir o estado d'alma com que retornei da vila de Nova Almeida para Vitória, fundamentalmente vexado com o que acontecera.

Nutria imensa piedade pelo professor Antunes o qual por tanto desejar, tanto perdeu ao adquirir obras de má procedência; e o que foi pior, furtadas à posse da suprema autoridade provincial. Mas não podia sufocar também o forte sentimento de indignação que me acometia ao lembrar das condições funestas do contrato de compra e venda realizado pelo professor: estando com o pagamento dos subsídios literários atrasados de quase um ano e não dispondo de fundos suficientes em sua jejuna bolsa para quitar o ganancioso preço cobrado por Simão Boncarneiro (que soube despertar no coração do velho professor a cobiça pelos livros franceses), não hesitou ele em completar a paga com a pessoa de Esmeraldina Especiosa.

Que negro impulso teria motivado tão imenso desatino nunca hei de compreender. Seja como for, o castigo veio a cavalo quando lhe dei a saber toda a crua verdade sobre o vero proprietário das obras e sobre o condenável modo como Simão Boncarneiro delas havia se apoderado.

Derreado debaixo de completo aniquilamento com o que de minha boca ouviu, o mestre-escola não pôde conter um enérgico desabafo: “Corja de larápios! Fui roubado e traído ao mesmo tempo. Desgraçado Rousseau, desgraçado Voltaire!”

Tão lamentáveis sucessos acenderam em meu espírito o desejo de voltar para a Capital com a maior brevidade. Contudo, para engrandecer meu desconforto, esse retorno era estorvado pela andadura lenta da animália a reboque da minha que levava, em dois balaios de fibra de coqueiro indaiá, a malsinada coleção dos livros por mim despojados ao professor. Tal circunstância agravava o estranho e descabido sentimento de culpa que inexplicavelmente me invadia. “Desgraçado Rousseau, desgraçado Voltaire”, repeti as palavras do velho e desalentado professor Antunes.

XXI – ledo engano

Ao Presidente Oliveira, expus todo o ocorrido em seus pormenores minúsculos e maiúsculos.

Quando finalizei, cheguei a pensar fosse ele capaz de um gesto de extrema magnanimidade em favor do Professor Antunes, presenteando-o com a devolução dos livros. Percebi logo que isso jamais lhe passara pelo espírito.

Após me ouvir em absoluto silêncio limitou-se a dizer: “Muito lamentável, Major. A vida às vezes nos reserva peças abomináveis como sucedeu a esse infeliz mestre-escola. A mim mesmo não me ia tirando os meus queridos Rousseau e Voltaire?” E, acrescentou, simplesmente: “Providenciarei para que os subsídios atrasados do mestre-escola lhe sejam ministrados sem tardança”. Depois, olhando-me firmemente nos olhos através do **pince nez**, insistiu, para mal de minhas penas: “A recuperação dos livros encerra metade do assunto. A captura do baú de viagem há de encerrar a outra. Continue nas diligências, Major”.

Interiormente acreditava eu que concluída a recuperação dos livros nenhuma novidade poderia surgir a mais, porque certamente o brigue **Vinte e Nove de Maio** já se teria largado bem longe das costas da Província.

Ledo engano, como vereis. E, em breve, a precipitação dos sucessos iria me impor o sacrifício de novas viagens fruto da comissão que me havia imposto o Presidente da Província.

Tanto que, pelas dez horas do dia seguinte ao do meu retorno da vila de Nova Almeida recebi ordens para comparecer à presença do Presidente.

Quando me apresentei, passou-me ele, sem delongas, um ofício subscrito pelo Delegado da vila de São Mateus do seguinte teor que posso transcrever da cópia em meu poder: “Ilmo. e Exmo. Senhor. É de minha obrigação e dever participar a Vossa Excelência a pousada, nesta vila, do mestre comandante do brigue **Vinte e Nove de Maio** que se encontra recolhido ao leito, em estado de enfermidade, acometido das febres e de outros males que apanhou. Como sua mofina saúde leva a receiar o pior, aguardo instruções no respeitante ao enfermo e por motivo dos termos do ofício anterior de Vossa Excelência. Sendo quanto se me oferece dizer a este respeito peço a Deus que guarde Vossa Excelência. Assinado: Ignácio Loureiro Fraga, Delegado”.

Enquanto lia este documento podia adivinhar o que ele me reservava.

Com efeito acabada a leitura, o senhor Presidente rogou minha boa compreensão e generosa paciência, demonstrando por eloquentes palavras ser indispensavelmente

necessária minha ida à vila de São Mateus para a providência de rigorosa inquirição do mestre comandante do brigue antes que ele sucumbisse acometido pelas mazelas de sua tênue saúde e avançada idade.

”Não é obra para embrutecidos delegados de polícia, meu caro Major. Careço de conhecer toda a verdade e de operar prontas determinações que só uma pessoa como vosmecê saberá obrar sem precisão de ordens superiores. Cumpre proceder a rigoroso e eficiente inquisitório, Major. E, lembre-se: aja com diligência, que nem tudo os subordinados informam aos seus superiores”.

XXII – nem a si mesmo poupava a traição da mulher

Acedendo às ponderações e rogos do senhor Presidente, como era de meu ofício e muita obrigação, aprazei partida imediata para a vila de São Mateus.

Em virtude do dilatado percurso a ser vencido por estrada de chão, arrostando os tropeços dos caminhos e os demais desconfortos duma viagem a cavalo, preferi a via marítima, suplicando ao Criador que semelhante escolha não me reservasse a repetição do episódio vivido pelo Presidente Oliveira na viagem do Rio de Janeiro para Vitória.

E, tendo-me sido informado que se achava atracada no cais das Colunas a sumaca **Estrela do Norte**, de propriedade do mestre Celestino, com partida aprontada para a vila de São Mateus, encomendei lugar a bordo onde me recolhi no dia seguinte.

Dita sumaca, mastreada com duas velas de grossos panos, media de proa a popa dez braças de comprimento sendo empregada pelo proprietário para a navegação costeira de diminuta cabotagem entre a Província da Bahia e a do Espírito Santo.

Disponha ainda de três abafados beliches individuais, sendo um deles o do próprio mestre, estranhamente assinalado com dois cornos suspensos sobre a portinhola da entrada.

Quando embarquei pude ver que o barco carregava caixas de açúcar e outras mercadorias. A sua equipagem reduzida era, contudo, mui diligente, consoante pude notar durante a viagem, respondendo ao mando experiente do mestre Celestino cujo era um mulato avultado, de cabeleira e bigodes bastos, com fios que formavam caracóis nas pontas por cima dos cantos dos beiços. Com larga praticagem do mar, aprendeu a navegar no barco de propriedade de seu avô materno que constituiu família na vila de São Mateus onde findou seus dias.

Mestre Celestino principiou mancebo a pilotagem dos barcos nos portos e barras dos rios herdando do avô, mes-

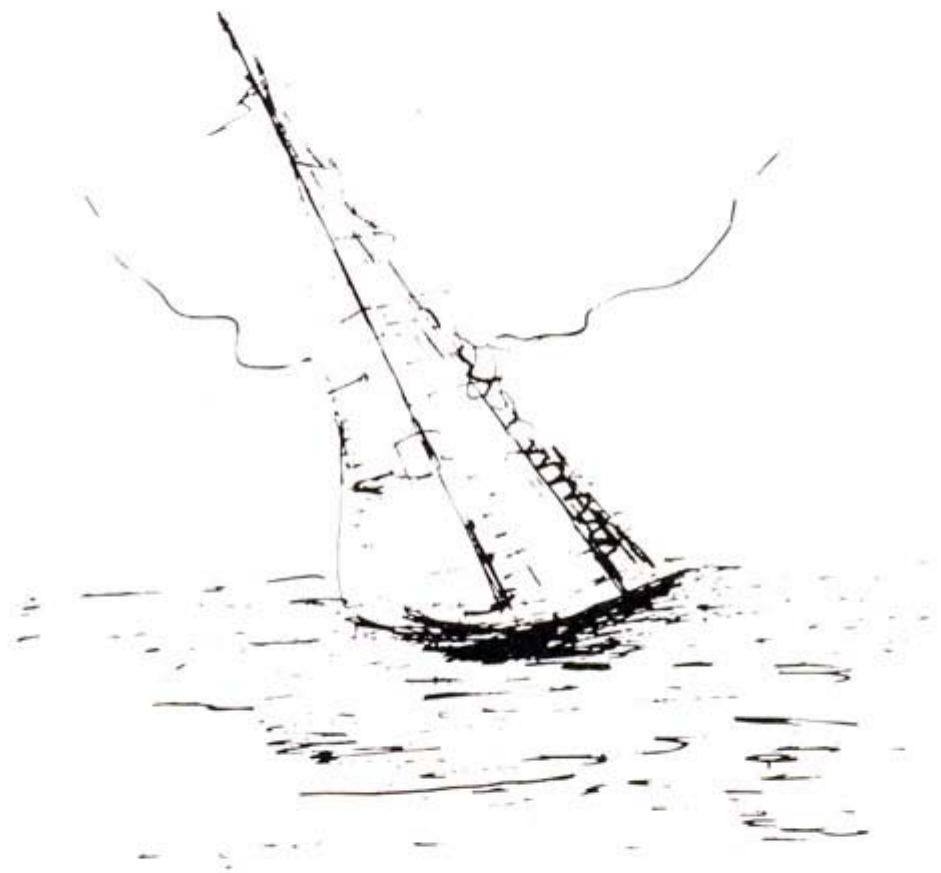
tre de navio de mão perita, a experiência que aproveitou o resto da vida.

De índole jocosa e irreverente, apreciava levar a bordo passageiros que ouvissem pacientemente as histórias que contava de forma mui agradável.

Tinha se consorciado com moça da sociedade da vila de Mateus mas foi por ela enjeitado, tendo a mulher ido viver na abastança com um fazendeiro do sul da Província, nas proximidades da vila de Benevente, lugar que mestre Celestino costumeiramente evitava na navegação do **Estrela do Norte**. Como jamais perdoou essa ofensa, mestre Celestino nem a si mesmo poupava a traição da mulher a quem passou a dedicar desprezo profundo e amargo que revelava apontando para os dois cornos na porta do beliche, dizendo: “um é meu; o outro para quem casar com moça de São Mateus”.

XXIII – o mestre estava esticado no catre, imóvel

Empurrada por ventos prestantes, a sumaca cobriu celeremente o percurso entre Vitória e a vila de São Mateus durante o qual me aprouve aos olhos a verdejante beleza do litoral da Província onde se notabilizam o maciço do Mestre Álvaro e a larga embocadura do rio Doce.



Fica o porto de São Mateus situado à margem esquerda do rio do mesmo nome que os indígenas chamavam de Cricaré. Trata-se de importante caudal que oferece boa e segura navegabilidade, deparando-se ao seu redor preciosas madeiras dentre as quais compridos jacarandás de muitas grossuras.

O intenso comércio de farinha dava ao porto e ao mercado próximo, aspecto de grande atividade, poucas vezes deparado em outras localidades da Província, exceto na Capital.

Meu primeiro cuidado ao desembarcar foi procurar o delegado da vila com quem fui ter, guardando-me, pelo caminho, das hordas de vespas que por ali enxameiam.

O delegado cientificou-me sobre a hospedaria que albergava o mestre Ovidino Serapião, comandante do brigue **Vinte e Nove de Maio**, e se prontificou a me conduzir até o local.

Como tinha interesse em ir só e como até aquela hora avançada da tarde não havia sustido o estômago com refeição consistente, preferi, por primeiro, saborear uma moqueca de judeu, peixe mui familiar nas águas do rio São Mateus e de mui bom paladar.

Desta forma, foi quase à noitinha que me dirigi para o **rendez-vous** com o infeliz mestre que sabia acometido das febres e dos eczemas.

Estava ele hospedado numa pensão assobradada na parte baixa da vila de São Mateus, perto do Porto.

O hospedeiro que me atendeu cobriu-me de atenções enfadonhas das quais consegui escapar galgando a escada de madeira rangente que levava ao andar superior do prédio.

O quarto em que se encontrava o enfermo mais parecia um cubículo, e só tinha de comodidade a grande janela que deitava diretamente para o cais. Como pude ver posteriormente, ela favorecia a visão de quase todo o porto da vila onde chamava a atenção um renque de belas palmeiras.

O mestre estava esticado no catre, imóvel, respirando com grande esforço e ruído. A janela entreaberta não deixava coar luz suficiente e, como escurecia, a impressão que o ambiente causava era repugnante. Ao pé do catre, uma escarradeira de louça portuguesa encontrava-se toda cuspinhada dentro e ao redor.

Recebeu-me o mestre com leve abano de cabeça em resposta à minha saudação. Por certo já tinha sido avisado da minha chegada e dos meus propósitos.

Declarei meu pesar pelo seu estado de saúde, o que não pareceu confortá-lo pois falou: “Por ora, ainda não há quem enterrar!” Mesmo assim, disse-lhe ao que vinha e pedi que me narrasse o que se passara com o brigue **Vinte**

e Nove de Maio e com ele, mestre do navio, desde a partida da vila de Piúma; indaguei também do destino da embarcação e do trem de viagem do Presidente Oliveira.

XXIV – disse ele com voz de defunto

Sendo do meu maior desvelo procurar narrar tudo quanto alcancem minhas lembranças, o que do mestre ouvi reproduzo do jeito como falou com palavras que até hoje trago presas em meus ouvidos: “Senhor Major”, disse ele com voz de defunto, “da aludida bagagem nada posso informar por ter perdido das vistas dès quando fui vítima da amotinagem encabeçada pelo desgraçado do Simão Boncarneiro, inda lá mesmo na enseada de Piúma. Do mais, porém, lhe conto e lhe falo nos conformes do ocorrido que são do meu conhecimento; mas, premeiro, rogue ao dono desta bodega de hospedaria para trazer o lume pra mode que o peso da escuridão não abafe antes do tempo e da hora o fiapo de vida que Deus está servindo a esse jacaré velho...”

Foi só após o quarto ser iluminado à luz de algumas velas que o mestre prosseguiu no seu depoimento do seguinte modo: “O destrambolho da viagem entre a barra de Vitória e a vila de Piúma, no repelão do rebordo sofrido pelo

barco depois de quase dentro da baía da Capital, fez perder a paciência ao senhor Presidente que pôs tenção de seguir a chão batido no desrumo de Vitória. Ficou ajustado na palavra de mandar ele pegar a bordo, pela matina do dia seguinte, o seu baú de viagem, trambolho de sua muita estimação. Malmente o Presidente largou do navio, Simão Boncarneiro, que outro azo não estava esperando, levantou os marinheiros contra meu mando numa amotinagem que me derreou do comando. Conforme sabe o Major, andava eu no padecimento dos eczemas o que muito me desensofria o corpo e a vontade. Tamanha desgraça quebrantou o resto sobranete de força na minha pessoa do que valeu Boncarneiro para fazer do barco o que Satanás ditou em hora ruim: apoderou-se do leme e seduziu a tripulagem gritando a todos que se excluíssem de me prestar obediência que isso seria o melhor que eles podiam fazer”.

O mestre falava por um pavio de voz. Denotava cansaço.

Interrompendo sua fala, indicou com inseguro dedo a moringa no parapeito da janela. Pediu-me: “Me dá uma bicada de água antes que me vá deste mundo para o outro onde o torto vira direito”.

Servi-lhe a água pedida numa caneca de latão, pousada perto da moringa. Depois de beber, prosseguiu: “Naque-la noite, me pondo rendido e incapaz, baixaram os amoti-

nados à terra, se amulheraram com as prostiputas, comeram e beberam à tripa forra e só deram de voltar na nascente do sol, carregando de rabicho uma vintena de escravos que Boncarneiro pegou nas palhoças dos vendilhões, na barra do rio Piúma. Quando o senhor Presidente piscou na praia, nos conformes do combinado, para pegar o seu trem de viagem, Boncarneiro deu ordem de largada e entrou no mar afora no rumo desta vila de São Mateus. Mas não velejara no direito desse destino. Na vista da vila de Guarapari baixou em terra com um marujo para carregamento de provisão pois andava o barco bastantemente carecido de sustância de boca; voltaram com carne fresca e boa porção de aguardente. Ao depois, nova paragem foi arrumada na altura da vila de Nova Almeida cuja precisão desconheço por já estar tomado das febres e amolecido da vida. Digo que andaram muitos por lá e no meio de todos o desinfeliz Boncarneiro e empregaram nisso toda a noite em diversão e folguras. Quando subiram a bordo, com alaridos de moleques e de sacis, traziam de curropio uma curimã de maneira e jeito de índia amansada e trevessa; com aquela Boncarneiro safou as vontades das carnes no seguimento da viagem, provando o direito e o avesso do pecado. Nesse deboche e geral desgovernança, marujos bêbedos e escravos judiados de correia e ferros, se veio ter à barra do rio São Mateus onde foi o barco fundeado. Para mal de minhas

culpas, as febres davam destremores no corpo e eu delirava a maior parte do tempo. Ali Simão fez baixar os escravos que vendeu nas fazendas do lugar. Foi uma desova de quase dois dias. Esvaziada a carga, Simão, que tinha partes com o Demo, maginou jeito de carregar mais negros para vender na Província da Bahia. Sabedor de que nos margeados do rio São Mateus, na região do Sapezão, os escravos se ajuntavam nas matas numa tal de cabula para descarrego de seus padecimentos, Simão fez o plano de ir pegar eles na exata hora dos quebrantos. Assim tramando, levantou ferros e singrou com o barco pelas águas do rio São Mateus até onde ordenava seu mau pensar. Quando a noite caiu, desceram os homens em terra e partiram no rastro dos cabuleiros. Do que se passou não sei dar conta; sei o que ouvi dizer na língua dos que voltaram nos arreupios dos medos, trotando que nem cavalos numa arretirada maluca por dentro dos matos, cheios de um terror pânico, por serem assaltados dos caboclos cabuleiros, perdendo todos a coragem e Boncarneiro a disposição de apresar aquele povo desensofrido”.

Com um segundo gole d’água posto por mim quase diretamente nos beiços do mestre pôde ele continuar: “Como meu corpo queimava de febre até o branco da alma, fraqueando minha saúde, não sei contar se todo o narrado não passou de delírio da doença numa confuseira de cabe-

ça malsã. O crescente das febres valeu a Boncarneiro me largar aqui na vila de São Mateus pondo nos marinheiros o medo de pegar a febre da moléstia. Na mesma madrugada em que o barco sumiu rio abaixo fui largado nesta pensão onde padeço minhas penas derradeiras nos conformes da vontade de Deus. Fui capitão do mar por onde andei; esperava ter o mar por sepultura, mas é aqui que estou murchando. Eu que vivi, vou morrendo com um resto de paciência. A febre que me entra no corpo pelos pés vai arrancar minha alma pela boca. Mas, volto a contar: os marinheiros que me carregaram no oco de uma rede, tal qual defunto, subiram a bordo na companhia de um frade capucho e religioso mendicante que pediu passagem para a Província da Bahia o qual inda me fez a caridade de rezar as orações das horas finais...”

O mestre fez uma pausa, cerrando os olhos.

Julguei que tivesse finalizado mas logo retornou ele com estas palavras cujo sentido só muito depois eu iria penetrar nele, como vereis: “Fizeram do meu barco um curral e a única novilha que se salva é o grumetinho...”

Como mais não dissesse, dando mostras de que não iria dizer por ter se calado mudamente, dele me despedi, persuadido de que nunca mais o veria, como deveras aconteceu em virtude de haver perecido horas depois, só e esquecido como um mísero jacaré velho.

XXV – dei atendimento à comissão recebida

Meu retorno para a Capital se deu na mesma sumaca **Estrela do Norte**.

Durante a viagem recordava e ligava todos os fatos de meu conhecimento sobre o brigue **Vinte e Nove de Maio** desde que largou da enseada de Piúma.

Os sucessos contados pelo mestre do barco combinavam com o resto das informações que eu tinha obtido, de diligência em diligência, desde a povoação de Piúma onde o próprio alferes Anselmo científicara do carregamento de escravos feito por Boncarneiro, informação que guardei para mim, nada dizendo ao senhor Presidente, como sabeis.

Uma vez na Capital, dei-lhe conhecimento, em relatório pormenorizado, do que havia averiguado.

O Presidente ouviu-me com atenção e determinou logo em seguida, sabendo que o brigue **Vinte e Nove de Maio** havia seguido para as bandas do Norte, que se oficiasse às autoridades da Província da Bahia sobre o passado da embarcação e de sua gente. Demonstrava não haver perdido a esperança de recuperar o trem de viagem, nem perdido a vontade de punir exemplarmente Boncarneiro.

Eu, por mim, achava cada vez mais remotas ambas as hipóteses, mas dei atendimento à comissão recebida e não

só redigi os ofícios como me incumbi de que chegassem a bom termo, e com segurança.

XXVI – minha incontível curiosidade

Passaram-se dois meses sem novidade alguma.

Parecia que o infausto assunto havia fenecido para sempre e nele não mais botava tento nem eu nem o senhor Presidente, temerosos de revivermos amargas lembranças.

Antes, porém, de findar aquele ano da graça de 1840, em meados do mês de dezembro, veio-me ter às mãos uma missiva, de cunho particular, endereçada pelo melifluo subdelegado da vila de Nova Almeida.

Por meio dela participava o mencionado subscritante, considerando que a notícia podia ser de alguma valia para meu uso e interesse, que Esmeraldina Especiosa havia regressado à companhia do professor Antunes.

Confesso que semelhante nova teve o dom de despertar minha incontível curiosidade por conhecer a história daquela mulher que seria também parte da história do bri-gue **Vinte e Nove de Maio** e do seu cínico contramestre.

Valendo-me de ocasião permitida pelos meus afazeres, parti na direção da vila de Nova Almeida, antes do Natal daquele ano. Desta feita, muito mais interessado do que

o próprio senhor Presidente a quem, aliás, nada revelei sobre o que me fora escrito pelo subdelegado.

Durante o percurso, refrigerou-me o torpor da viagem a cavalo a visão das puxadas de rede na pesca do arrastão praticado à manjuba-sardinha que corusca em cardumes, nessa época do ano, nas praias compreendidas entre a povoação de Manguinhos e a vila de Nova Almeida. O arrastão é feito em lances únicos ou sucessivos, conforme ditado pela quantidade do peixe que é arrastado para a terra no útero das negras redes deitadas ao mar por meio de canoas e puxadas depois através de fortes cabos de cipó. O peixe assim matado é, posmente, limpo e salgado pelas mulheres, servindo de alimento para essas míseras populações que remetem para Vitória as sobras das pescarias abundantes.

Quando cheguei à vila de Nova Almeida, foi-me fácil ser recebido pelo professor Antunes a cuja casa me dirigi por ser conhecedor do caminho. Pretendia não constranger o mestre-escola não obstante desejar obter sua compreensão para as perguntas que ansiava fazer a Esmeraldina Especiosa.

De início arredo e distante, como era de seu feitio, o professor acabou acedendo na conversa almejada, facilitando-me falar à mulher, conquanto me fez assegurar sigilo sobre o que por mim fosse ouvido. Esse sigilo, sempre

respeitei em vida daquele nobre servidor da civilização e só agora quebro por já tê-lo falecido.

XVII – estou dando as despedidas, curimã

Conforme já sabeis, a mulher tinha o tipo indígena dos de sua raça, sobressaindo no rosto redondo, emoldurado por cabelos escorridos até os ombros, um belo e incrível par de olhos verdes. De pele trigueira e estatura meã, revelava belas formas sob o vestido simples de algodão. Andava descalça, possuía pernas robustas, parecendo, porém, apática de vontade e afeita a fazer apenas o que lhe fosse mandado. Não escondia, contudo, certa vivacidade no olhar, lampejo de desejos encobertos capazes de se soltarem em momentos animais.

Foi esta gentiazinha quem me pôs a par da sorte do brigue **Vinte e Nove de Maio** em sua derrota pelas águas do litoral da Província da Bahia.

Contou ela que quando o barco largou da barra do rio São Mateus, pegou o rumo dos Abrolhos onde estacou em súbita calmaria. Naquelas paragens ficou a embarcação dois dias, valendo à tripulação, como alimento, o peixe pescado de bordo. Boncarneiro passou a maior parte do tempo bêbado submetendo a mulher a descomposturas e outras

vexações. Mesmo assim, era melhor sorte do que servir de pasto a toda a marujada.

Quando afinal soprou vento favorável, o barco enfunou velas e seguiu para a cidade de Salvador onde fundeou ao largo do porto. Era tenção de Boncarneiro se safar de bordo tão logo chegassem a porto seguro, escapando aos desatinos cometidos, sem que a mão das autoridades lhe caíssem sobre os ombros.

Durante a madrugada o barco ganhou o cais e, no olho crescente do dia, Boncarneiro e os outros se puseram em terra e tomaram destino ignoto. Para maior segurança, Simão se serviu do hábito do frade capucho embarcado na vila de São Mateus e dentro dele ganhou o mundo na figura de religioso.

Quanto a Esmeraldina Especiosa, a última vez que o contramestre com ela falou foi antes do desembarque. Apondo para um baú de couro que jazia num dos cantos do beliche, Boncarneiro disse: “Estou dando as despedidas, curimã. Pegue os trastes dentro desse baú, vende tudo nos mercados da Bahia; vende o baú também e volta pro seu povo ou faz a vida nas ladeiras da Baixa. Larga logo deste casco de embarcação pra mode não engordar carrapato nas enxovias. Das patacas da venda faz a serventia do seu gosto”.

Depois que Boncarneiro se foi, Esmeraldina seguiu-lhe o conselho; de grande utilidade lhe foi o auxílio presta-

do na Bahia pelo frade capucho para o qual a mulher pegou novo hábito no Convento de São Francisco.

Na companhia desse frade se manteve a gentia até contratar passagem numa embarcação que fazia a cabotagem entre a cidade de Salvador e a Corte com aportagem na cidade de Vitória, onde Esmeraldina desembarcou depois de três dias de viagem, retornando à casa do mestre-escola.

Desse modo, outro não fora senão esse o triste fim do baú de viagem do Presidente Oliveira: servindo de sustância à barregã do professor Antunes que serviu ainda com suas carnes ao contramestre Boncarneiro e, com o perdão do mau pensar, talvez tenha servido ao próprio frade capucho.

XXVIII – já que cá veio, cá fica

O professor ouviu com impassível silêncio a narrativa da mulher, por certo de seu anterior conhecimento. Durante a exposição não demonstrou no semblante nenhum sinal de rancor ou mágoa, dando, ao contrário, mostras de grande conformação que depois reconheci tratar-se de suma sabedoria.

Quando Esmeraldina finalizou o discurso, o mestre-escola dirigiu-lhe esta ordem: “Apronta agora, mulher, um

café preto, de bom paladar, para servir aqui ao nosso hóspede. E me traga a infusão de mistura com açúcar mascavo e não com farinha de mandioca como é de seu péssimo costume e gosto”.

Enquanto a gentia saía para fazer o café, disse-me o professor, num particular de concha de orelha: “Ouça, Major: podia renegar essa índia bastarda não mais a recebendo no meu convívio. Mas não estou na idade de cuspir no prato que comi. O que aconteceu, agora já está morto. Não quero chegar ao fim chorando o princípio. Esmeraldina, se totalmente bem não me serve, com as ladinices de sua raça, também mal não me desserve; e, já que cá veio, cá fica. É este o meu pensar, Major”. O que me pareceu uma forma de muita sapiência, esse alto entendimento.

Quanto ao brigue **Vinte e Nove de Maio**, depois de tudo o que tinha ouvido, acreditei que tivesse retornado ao seu legítimo senhor e dono, após abandonado pelo estuporado Boncarneiro.

De minha parte nada disse ao Presidente da Província sobre o que pensava ter sido o capítulo final da história do brigue e do furto do baú de viagem.

Assim deliberei para não lhe levar notícia que ia abatê-lo profundamente pelo valor que dava à recuperação da bagagem, surrupiada na atormentada viagem para assumir o governo da Província.

XXIX - prestei-me à farsa

Meus préstimos ao Presidente Oliveira duraram até o término do seu período quando, no dia dois de abril de 1841, passou em frente o governo da Província. Depois disso, conduzi-o até o cais de embarque, no dia seguinte ao de seu afastamento do cargo.

Tínhamos sabido que estava fundeada na baía uma embarcação com largada marcada para a cidade do Rio de Janeiro e o senhor Presidente quis aproveitar a ocasião para partir sem tardança da Província da qual, consoante desconfio, não guardou boas recordações.

Quando nos aproximávamos do cais das Colunas, já o Presidente fazendo-se acompanhar de sua bagagem enfiada dentro de um novo baú onde certamente estariam os “queridos Rousseau e Voltaire”, eis que ele estaca repentinamente e, pondo-me com força as mãos nos ombros, exclama, erguendo o dedo: “Veja, Major, com os diabos! Outro não é aquele senão o malfadado **Vinte e Nove de Maio** que lá está aportado a escarnecer de mim...”

O Presidente desfez a viagem sem titubeios. Preferiu aguardar a passagem de outro navio que não lhe recordasse tantas decepções e tormentos para lhe servir de condução à Capital do Império. “Qualquer outro, meu caro Ma-

jor, qualquer outro; uma sumaca serve. Mas seria abusar da Providência Divina entrar numa embarcação que só desventuras me trouxe. Para cá sim; para lá, não e não! Aqui fico e aqui espero outra embarcação”.

Contudo, desconhecendo os sucessos finais que tinham cercado o seu desaparecido trem de viagem e como desengano da vista é furar os olhos, o senhor Presidente fez-me subir a bordo para perguntar do mestre se lá ainda se deparava, porventura, o baú de sua propriedade.

E, como minha disposição era a de continuar escondendo a verdade, já de mim sabida, prestei-me à farsa.

Depois de uma troca de palavras com o mestre do barco, que não era nem sombra do malsinado Boncarneiro, do convês mesmo acenei negativamente para o Presidente Oliveira, postado no cais, em ansiosa expectativa, de fatiota negra, chapéu coco, **pince-nez** e bengala com punho de castão. Nesse instante, veio-me à lembrança um de seus ditos favoritos que tantas vezes lhe ouvi durante seu curto período de governo: “Nem tudo os subordinados informam aos seus superiores”.

Como o brigue ficasse ainda algumas horas aguardando completar carga para içar ferros, combinei com o mestre o meu embarque no lugar do Presidente depois de me assegurar que haveria parada na vila de Itapemirim para onde regresssei e onde ao presente me deparo.

E foi aquela a mais aprazível viagem de minha vida, com vento próprio, mar limpo e céu azul.

XXX – com grande embuçamento e falsidade

A bem da imperiosa necessidade de expressão da verdade, passo a narrar o conhecimento que travei, a bordo do brigue **Vinte e Nove de Maio**, com o grumete Nico Querubinho.

Logo que o vi, retornaram-me à lembrança, num relampejo, as derradeiras palavras por mim ouvidas ao mestre Ovidino Serapião, no seu catre de morte, na vila de São Mateus: “a única ovelha que se salva é o grumetinho”.

De fato, calhava o pitoresco nome - Nico Querubinho - à figura que correspondia a essa graça por se tratar de mancebo de diminuto porte, cabelos encoscorados e cara oblonga de querubim, nela sobressaindo duas róseas bochechas, exprimindo no olhar a mansidão de sua índole. Possuía mãos pequenas e robustas, contudo bem dotadas para grandes e diminutas tarefas, conforme vim depois a descobrir, sendo esta criatura de muito pouca loquacidade. Conquistada, porém, sua confiança, tornava-se falastrão e trejeitoso, dispondo-se a contar as experiências de sua existência de marujo incipiente. Tinha ainda por hábito

portar na cabeça um barrete que, de tão usado, o vermelho se fez verde, e que lhe fora dado pelo mestre Ovidino Serapião, como fiquei sabendo.

Foi-me este grumete de notável proveito para o conhecimento dos muitos sucessos havidos com o brigue **Vinte e Nove de Maio** e sua tripulagem os quais, de outra forma, restariam para sempre ignorados.

Principiando por Simão Boncarneiro, sua contratação como contramestre teve lugar na cidade do Rio de Janeiro, pouco antes da embarcação zarpar para o Norte.

Dera-se isso, por ter o contramestre antecedente sido consumido por um ramo da febre maldita, provocando a súbita precisão de um substituto.

Como se impunha a substituição, sem alongadas tardanças, porque era tempo de dar partida ao brigue, não se pôde alvitrar outra escolha senão a do malévolo Boncarneiro, primeiro que apareceu aos olhos do mestre comandante Ovidino Serapião.

Já esta aparição se fez com grande embuçamento e falsidade, dando-se o contratado por pessoa boa e obediente, sabendo ocultar, debaixo das pálpebras, as escuras intenções de que era possuidor, somente se descobrindo claramente no curso da viagem.

Como sabeis, à medida que foi decorrendo a navegação, Boncarneiro foi fazendo valer sua insidiosa presença

na embarcação, ganhando força e mandança sobre os marinheiros. Para isso, valia-se do temor a todos infundido por sua carantonha e corpanzil, aproveitando também o decaimento da saúde do mestre Ovidino, cercado pela gota e outras doenças.

O próprio Nico Querubinho, por sua natural docilidade, tornou-se vítima desse pérfido e desalmado contramestre, tendo sido, desgraçadamente, elegido como poço de molestamento e opressão, tanto que Boncarneiro dele passou a abusar das formas mais ignóbeis e indizíveis.

Assim, o que o negro coração do contramestre ditava à sua vontade maligna foi, pouco a pouco, se revelando mediante sucessivas demonstrações de malas-artes como o desatrelamento dos mastarêus que rebentaram convés abaixo e outras quejandas vilezas, culminando no motim que levantou a marinheirada contra o mestre do brigue.

Foi também Boncarneiro quem disseminou entre os marujos a invencionice de que dentro do baú de viagem do Presidente Oliveira jazia o mapa de precioso tesouro, visto que o Presidente tinha por costume consultar certa carta marítima reproduzindo o litoral da Província do Espírito Santo. Esta circunstância prestou-se para o corrompido contramestre dar ao mapa outro valor e outro significado, bem diverso do verdadeiro.

Desse modo, quando o nefando contramestre encabeçou o motim apoderando-se do mando da embarcação, um de seus primeiros atos foi violar o baú de viagem do Presidente Oliveira, dali retirando o mapa tantas vezes consultado pelo ilustrado passageiro.

Não encontrando nele o roteiro para o descobrimento do que imaginara, ainda assim susteve a tripulação na ilusão da falsa promessa de grandiosas riquezas e engrandecimentos em suas pobres fazendas quando dessem com o tesouro que no mapa dizia se conter.

Somente a Querubinho, em noite de libertínio e babosa beberagem, Simão abriu sua mentira, enchendo de terror a alma do infeliz grumete com a ameaça de lhe decotar a língua caso revelasse aquele segredo, tornado daí em diante pesado e terrível para tão mofina criatura.

XXXI – botando o negócio debaixo de intimidação

Valendo-me de Nico Querubinho, obtive a informação de que o brigue **Vinte e Nove de Maio** sofreu imprevista calma no litoral da Província do Espírito Santo, bem de frente da colina onde fica a casa do alferes Pedro João, o gaiteiro, a meia légua da localidade de Meaípe.

Estando a embarcação acalmada perto da costa, ouviram os de bordo os longos mugidos dos enormes gados criados pelo alferes. Isso fez brotar no espírito malfazejo de Simão, a ideia de irem alguns marujos à terra, entre eles o contramestre e Querubinho, para se abastecerem de carne de novilha com o que fartariam as tripas enquanto durasse o pasmo do vento.

Concertado esse intento, desceram um escaler e ganharam a praia indo até a casa do gaiteiro. Na subida do morro, Simão, tendo se distraído, pisou um verdejante sarçal de vivas urtigas o que lhe causou grande ardência na parte baixa da perna, ficando seu pé bastante sofrido.

Blasfemando pelos cotovelos, Boncarneiro interrompeu a marcha e pondo à mostra seu vergonhoso pendúculo, urinou sobre a parte afetada para, com esta mijada mezinha, fazer sarar a queimação das folhas.

Enquanto o líquido lhe escorria pelos dedos do pé, vendo estampada admiração na cara de Ouerubinho, exclamou: “quem o seu estima, mija em cima”, tendo o grumete aprendido ali mais essa lição.

Chegados na casa do gaiteiro, pediram pouso e, sem meias palavras, disseram ao que iam, revelando gosto e interesse numa novilha saltadeira, botando o negócio de baixo de intimidação que submeteu o amedrontado alferes.

Foi então sacrificado o tenro animal de novilhas arrobas cujas partes foram levadas assadas para o brigue.

Essa novilha foi trocada com o alferes por uma magnífica tartaruga pescada por alguns marujos no caminho para a praia, os quais entraram n'água e viraram a tartaruga de patas para cima que consiste na forma de se pescar esse peixe, como diziam os antigos.

Consoante supus, foi das carnes brancas da tartaruga que o alferes cozinhou a sopa que serviu ao Presidente Oliveira quando este se hospedou em sua casa e que tanto incômodo lhe acabou causando.

Ao se retirarem da morada do alferes, Nico Querubinho quis carregar um grande papagaio ao qual, no pouco tempo que lá passou, havia industriado a falar seu nome, coisa que a ave passou a fazer o tempo todo. Neste intento foi, porém, impedido pelo alferes que nutria pelo pássaro cordial estimação.

Boncarneiro, que descia o morro na direita da praia, vendo o que se passava, berrou para Querubinho: “Larga o louro, grumete, pra mode não virar galinha ao molho pardo”, o quanto bastou para Nico desistir da ideia e seguir encosta abaixo de vazias mãos.

Em suas costas foi ouvindo o grito seco da ave, lhe chamando NICO, do mesmo modo como seria depois ouvido pelo Presidente Machado de Oliveira quando se hospe-

dou na casa do alferes Pedro João, conforme descrito antes. Com a diferença que o alferes ludibriou o Presidente dizendo ser aquele nome, gritado pelo papagaio, o apelido de um boi velho e morto, sendo veramente o nome do grumete.

De sua parte, Boncarneiro havia se apoderado dum barril de aguardente fabricada pelo alferes a qual fez a sua alegria durante o resto da viagem e se virou em tormento geral dos que provaram dessa aguardente somente os efeitos das desmesuradas embriaguezes do contramestre.

Um desses foi o infeliz Nico Querubinho, pois, naquela mesma noite, tendo Boncarneiro se empanturrado de novilha e aguardente e perdido o tino do mundo, violou com seu sujo carnegão o pobre grumete, dele usando como novilha vivo.

Nasceu deste abuso abominável, a mais abominável alcunha dada daí em diante ao violado grumetinho que ficou tachado de **Nico Novilha**.

XXXII – um espetáculo torpe e contristador

Também me foi dito pelo mesmo informante que na paragem feita na vila de Nova Almeida, após ter se avistado com o professor Antunes, Boncarneiro não só se



assenhoreou da gentia Esmeraldina Especiosa, como se apossou, à saída, sub-repticiamente, dum imenso gato amarelo que dormitava na porta da casa do mestre-escola.

Esse animal foi transformado em objeto a mais da judiação de Boncarneiro, porquanto o contramestre contraiu o repulsivo costume, cheio de extrema perversidade, de fazer subir do porão ao convés os negros cativos, recolhidos em Piúma com cordas e grilhões, aos quais obrigava, debaixo de ameaças de açoites e cutelo, a introduzirem o dedo no ânus do gato.

Travava-se então uma peleja atroz entre o felino e aquelas desgraçadas criaturas que se viam fundamente arranhadas e escalavradas em suas sangrentas carnes enquanto o gato miava desvairadamente e se debatia por todos os lados, de cada pata fazendo duas.

Tamanha malvadeza chegou a proporções tais que um desses desgraçados negros teve o olho vazado pelas patas do gato, motivo maior de folgança do contramestre em meio a formidáveis gargalhadas de prazer demente.

Aquele pobre animal, que para se safar de tanta perversidade acabou se lançando nas águas do mar, era ainda, por ordem do Boncarneiro, içado pelo rabo no mastro mestre da embarcação toda vez que Simão entrava nos cios depravados com Esmeraldina Especiosa.

Como isso geralmente acontecia de noite, sob as réstias de luz das lamparinas, tinha-se um espetáculo torpe e contristador: o felino miando desesperadamente no alto do mastro enquanto Boncarneiro cobria a mulher em pleno convés, submetendo-a a toda sorte de aberrações diante dos olhos gulosos de cupidez da marujada.

XXXIII – em meio a opróbrios e injúrias

Outro que não ficou infenso às malvadezas do contra-mestre foi o frade mendicante subido a bordo na vila de São Mateus.

Havendo ele presenciado as perversidades de Simão e com elas justamente se indignado, foi sucessivas vezes ofendido de forma singular e agravosa. Numa das vezes, Boncarneiro lhe despiu a roupeta até os calções e, sustentando-o pela correia que o cingia na cintura, o mandou pôr amarrado no mastro com os pés no ar; e, dando-lhe algumas pancadas, lhe dizia que declinasse os salmos em alta voz para conforto de todos.

E, como o frade assim por assim suspenso e humilhado não o quisesse fazer, Boncarneiro o açoutava nas partes ocultas por vergonhosas e o largava pendido da correia, restando o pobre frade preso no mastro-mor a noite por inteira em lugar do infeliz gato amarelo perecido no Oceano.

Num espetáculo derradeiro, incontendo sua pérfida satisfação, dizia Simão, em meio a opróbrios e injúrias, apontando o frade erguido no ar: “à noite, todos os padres são pardos”.

XXXIV – ergueu-se em seus imundos pés

Mas isso foi da metade do caminho, apenas da metade do caminho para a frente.

Antecedentemente, quando o frade subiu a bordo, ignorava o gênio maligno de Boncarneiro que fingiu ao religioso uma falsa devoção por tê-lo a bordo.

Esse despistamento calou fundo na alma do religioso, colhido e ludibriado em sua boa fé, pensando ter tido a fortuna de ingressar na Barca do Paraíso.

Primeiramente, Boncarneiro se fez de devoto e falsamente humilde, dizendo ser o Bom Deus quem mandou o frade para maior recolhimento de todos e consolação de suas almas tão desarvoradas pelos tropeços da viagem como o próprio brigue. Rogou-lhe, então, que benzesse o navio, fazendo andar pelo tabuado do convés uma pequena procissão de marujos com ares de muito recatamento e pieguice.

Em seguida, suplicou ao frei que abençoasse seu casamento com Esmeraldina Especiosa, prática que foi de

muito gosto e júbilo do sacerdote que tomava a sério o que Boncarneiro levava em puro deboche.

Depois, Simão reuniu os marujos para que ouvissem em concurso a palavra do frade, escutando todos aquela voz com representado silêncio e sinais de admiração, sobre todos demonstrando o contramestre maior assenso e devoção.

No meio da peroração, porém, Boncarneiro ergueu-se em seus imundos pés de viciosos pecados e exclamou: “Agora chega de reza, padre. O casamento está feito, vou meter uma coisa dentro da outra na fornicação do marido e da mulher. E com a santa bênção de Deus”.

E dizendo essas palavras malsãs, exibiu roupa afora e de entre as pernas, seu vivo e teso vergalho apontado para Esmeraldina Especiosa, e já conhecido de Nico Querubinho, revelando ao sacerdote, por esse pecaminoso gesto, todo o gênio pernicioso de que era portador.

Feito o quê, gritou que todos tivessem uma caneca de aguardente e tanto como todos, aquele mesmo frade que se negava a engolir a bebida.

Tomado de ódio possesso, Simão obrigou o religioso, debaixo de ameaças e aos gritos de **“bebe, saco de bosta”** a inverter a bebida garganta adentro; e o fez com tamanho e brutal empenho, e tão repetidas vezes, que o franciscano, em breve tempo, desabou o corpanzil borracho no assoalho do convés e adormeceu em despedado sono.

Ali ficou imenso tempo. E, como sobreviesse copioso chuaréu noturno, acordou ele vendo-se encharcado de água da chuva tanto quanto de aguardente, sendo levado ao beliche com enorme dificuldade.

Foi Nico Querubinho quem se prestou a esse edificante trabalho, obrando com grande esforço devido ao volume do frade cujo peso estorvava o transbordo até o catre onde o depositou Querubinho, descalçando as sandálias dos seus enormes pés de redondos dedos.

XXXV – indecentemente descobrindo as coxas

Porque é mister de tudo dar bem e boa conta neste expositório, passo a falar do frade embarcado no brigue **Vinte e Nove de Maio**, mui meu conhecido por haver por semanas e meses antecedentes habitado a Província do Espírito Santo e deambulado missões religiosas na vila de Itapemirim que, como sabeis, é o meu lugar de nascimento e morada.

Esse frade, que atendia pelo nome de Catarino Broa de Santa Maria, era um italiano de avantajada estatura, vindo da Bahia e chegado na Província por volta de 1838 com o propósito de praticar as missões indígenas. Foi logo incumbido de pregar na vila de Itapemirim e seus arredores.

Como nessas partes poucos índios havia para assistir, o frade deu-se a outras obrigações, tendo por força delas se enredado em estorvos que acabaram por ser a razão de sua saída da Província alguns dias antes da chegada do Presidente Oliveira.

Da minha parte, a primeira vez que botei os olhos nesse mendicante foi para atender uma sua estranha solicitação: em virtude da minha manifesta condição de militar de patente, pediu-me ele que passasse recado e apelo ao então Presidente Provincial para baixar um Bando proibindo às mulheres índias da vila de Itapemirim de se assentarem nos bancos da igreja, durante a missa, com os pés e pernas estendidas para diante, indecentemente descobrindo as coxas roliças e cheias. Clamava ainda o frei contra o desretrato dessas índias trazerem uma camisa pouco comprida, sem outro algum vestido que as orne e alinhe com a devida compostura na forma que praticam todas as mais mulheres civilizadas.

Deu-me particular ciência de que ele já tinha por si mesmo procurado mudar esse mau e feio costume dessas índias ignorantes, castigando as culpadas com a penitência de ajoelharem sobre grãos de areia. Mas essa prática não fora bastante para acabar com o pernicioso mau hábito que ao menor descuido logo se repetia, sendo cabível, segundo entendia o frade, fixar-se em Bando uma pena pecuniária que corrigisse esse feio costume com maior exemplo e rigor.

Queria também frei Catarino, através de requerimento que eu me dignasse encaminhar, que o mesmo Bando ou outro que baixado fosse, tornasse defesa a ida à missa de mulheres no tempo de mênstruo pelo insuportável odor que exalam nesses dias, somente notado quando estão dentro do recinto da igreja, sendo impossível saber donde provém.

Com muita dificuldade e por instantes palavras, logrei convencê-lo de tão absurdas quão descabidas pretensões. Mas não o pude demover de continuar recorrendo aos grãos de areia para a punição genuflectória das pobres e distraídas índias que deixavam entrever o recôndito de suas roliças coxas esticando-as para a dianteira durante a santa missa.

XXXVI – foi o religioso angariando donativos

De outra feita, veio-me o frade à procura para o ato de abrir uma subscrição e assinar-me o primeiro com gorda quantia que, por semelhante gesto, servisse de exemplo para uns e outros do mesmo modo cooperarem na edificação de um templo no sítio denominado Taquara do Alto, perto da vila de Itapemirim.

Dei ao religioso uma econômica subscrição por não a negar de todo, como era de meu desejo mas não recomendava a boa educação, observando a máxima, ouvida alhu-

res, segundo a qual “**esmoler franciscano não descansa enquanto não enche a batina e a gorda pança**”.

Com afincada insistência e manifesta persuasão, conseguiu o frade outras tantas doações de moradores do lugar e até da vila de Benevente. Os que não tinham pecúnia entraram com outros ajutórios, como escravos e outras boas coisas, que foram empregados na construção da igreja.

À porfia de sermões e visitas domiciliares, foi o religioso angariando donativos e adeptos para o fazimento da igreja de Nossa Senhora da Consolação, louvando com sua poderosa voz os muitos que davam colaboração e investivando com duras palavras de admoestação os poucos que regateavam a ajuda requerida.

Um desses, o coronel Bento Santinho Madrigal, homem de nenhuma preces, que destemia a Deus e desacata a Igreja, tendo se obstado em concorrer com seus escravos para a construção do templo, foi açoitado pelas contundentes palavras do frei Catarino que o comparou a Satanás e o tachou de excomungado e herege.

Este fato muito contrariou o coronel, quando lhe revelaram o ocorrido, menos pelas palavras de excomunhão e heresia, às quais não dava o mínimo valor pelo seu natural incrêu, mas sobretudo por se ver publicamente comparado a Satanás do qual o coronel não admitia o calo dos chifres.

“Esse fradeco linguarudo, com o comparar-me a **Santanás** (como assim falava o coronel), atribuiu-me cornos na testa. Anda bestando ele e esquecendo que quem o touro enfeza, a chifrada despreza” - foram as atrevidas palavras que ouvi direitas do coronel Santinho Madrigal respeitante ao que estava sucedendo.

E, como era ele homem de índole urtigosa e de dura língua de cinzel, previ, pelo enunciado desta sentença, os trevoeiros que se armavam sobre a pacatez da vila de Itapemirim, na acendida querela entre o coronel e o franciscano, se a eles não se pusesse paradeiro, prestantemente.

XXXVII – comeu fogo a obra assim alevantada

E como isso não ocorreu prestantemente, os trevoeiros acabaram sendo relacionados com o malsinado incêndio que acometeu a igreja de Taquara do Alto cujo verdadeiro princípio persiste até hoje no ignoto, embora testemunhos de oitiva tenham feito correr o dito de que o fogo ardeu a mando do coronel.

O fato é que se achava o templo já bastante encorpado, com suas paredes elevadas e acrescentado de portas e janelas, restando por concluir a torre do sino e a pintura das paredes, tudo muito cuidado do zelo do frade capucho.

De um dia para o outro, em meio a uma noite de tempestade e coriscos, comeu o fogo a obra assim alevantada, reduzindo tudo ao estado antecedente, sem que soubessem as pessoas os começos do fogaréu. Atribuíram uns, a uma centelha candente que varou dos céus, sacrificando, pela vontade de Deus, o templo em ereção; ao que contrapunham muitos que, se assim fora, muito seria de admirar que a vontade divina quisesse extinguir sua própria casa o que lhes parecia impossível.

Por isso, publicavam à socapa que aquele mau pedaço que sobre a igreja se abateu fora obra de mãos malquerentes de cooperarem na construção do templo. E viam todos nesse insinuado sem assinatura, e dentre todos o frei Catarino Broa, um atentado tramado e armado pelo coronel Santinho Madrival. Mas só à socapa falavam porque nem um tinha coragem de passar por certidão o dito dessa insinuação, gerada e nascida da suspeita, mas sem certeza alguma.

XXXVIII – onde raia o dia em folias noturnas

Não poucas semanas tinham se passado depois que o templo ardeu em chamas e labaredas, e frei Catarino Broa recebeu ordem de deixar a Província, retomando para a Bahia.

A viagem se fez numa sumaca até a vila de São Mateus onde acabou embarcado, como já sabeis, no brigue **Vinte e Nove de Maio**.

Muito no particular, guardo a certeza de que a partida do religioso teve relação com a epístola que o coronel Santinho Madrigal dirigiu ao Presidente da Província, predecessor de Machado de Oliveira.

Dos termos e tom dessa missiva, apesar de com eles não concordar, posso dar exato conhecimento porque, sendo o coronel muitíssimo instruído e suficiente, mas de ortografia caótica, fui o seu manuscrente, a rogo do assinante. E, tendo conservado o **fac simile** dela, por simples mania de assim fazer, posso transcrevê-la com fidelidade. Dizia:

“Exmo. Sr.

Anda aqui por estas partes um frade capucho de nome Catarino Broa de Santa Maria cujo, sob o pretexto de construir uma igreja no sítio denominado Taquara do Alto, vem buscando o socorro da bolsa de néscios fazendeiros e o emprego de escravos na edificação do templo em lugar ermo e perdido nos matos, impróprio para todo concurso dos homens.

Como não me submeti a dar a cooperação pedida, tornou-se minha pessoa pasto das ferinas críticas e apodos

desse frade capucho. Tais dísticos não me amofinariam o espírito se eles não dessem nascimento, como deram, a seguidos atos de vandalismo praticados pelas pessoas crédulas no padre contra minha fazenda e contra a criação e cultura nela mantidos.

E havendo por esses dias ardido a igreja em meio a um fogo madrugueiro numa manhã de muita chuva e trovoadas, possivelmente pelo despencamento de um raio sobre ela, a qual era toscamente constituída, foi-me dito que o frade capucho me atribuíra a autoria do incêndio, detração aleivosa e injusta por desfundada.

Isto, Exmo. Senhor, é ser prelado, isto é ser pai, isto é ser pastor?

Pelo sim, pelo não, avisei pessoalmente ao frei Broa das funestas conseqüências que suas levianas palavras poderão ocasionar no moral e no pessoal pois não respondo pelo gênio apoquentado que no explodir me arrepiou os pelos da barba.

Rogo, portanto, a V. Ex^a. fazer uso do poder civil a seu alcance para o afastamento desse frade capadócio, exilando-o desta vila de Itapemirim para tranquilidade dos povos.

Ademais, esse capucho mui pouco virtuoso é dado a fornicções, sendo público coabitar com duas concubinas em diferentes casas, onde raia o dia em folias noturnas.

Numa dessas casas, salta à vista, podendo as pessoas de fora ver balançando no varal pela baixa altura dos muros do pomar, tanto a batina como os calções do frade quando postos a secar.

Estas cousas a mim não me escandalizam porque sempre enxerguei, debaixo da batina desse capelão femeeiro, o homem nela pendurado. Mas, considerando representar tal comportamento, grave ofensa ao decoro público, partindo de quem parte, é melhor que torne esse sacerdote para a cidade de Salvador, a qual abunda em frades amancebados, vivendo em casas próprias sem diferença alguma de seculares.

Confiante em que V. Ex^a. determinará o que for de proveito para aliviar esta vila da presença desse sacerdote tão pouco pastor, exceto pastor para gozosas tosquias, assinome, Respeitoso e Obrigado. Coronel Bento Santinho Madrigal”.

XXXIX – pondo a arder o seco e o verde

Como homem afeito à verdade e desejando dar neste relato a fidelíssima versão dos sucessos havidos, não posso deixar de transcrever o conteúdo de outra carta, atinente à pessoa do frei Catarino Broa de Santa Maria.

Quis a sorte que ela me tocasse às mãos enquanto servia como Major adjudicado ao Presidente Oliveira que a recebeu em lugar do seu antecessor, a quem fora dirigida. Dizia o seguinte:

“Exmo. Sr. Presidente:

Sensibilizado pela maneira rigorosa com que V. Ex^a. tratou o Frei Catarino Broa de Santa Maria ordenando sua saída dessa Província, me foi necessário lançar mão da pena para dar a conhecer a V. Ex^a. todo o pesar de que sou invadido.

Antes mesmo de principiar a falar, eu suspiro e choro porque as garras da injustiça se abateram sobre esse bom e justo religioso, ativo pregador e do melhor procedimento.

A presença de nosso amado irmão era verdadeira luz para salvação dos que afundavam no atoleiro da perdição e do pecado. Ele, com a intenção e fim de sempre mais e mais servir ao Deus Todo Poderoso esteve dando impulso à edificação de um templo em louvor de Nossa Senhora da Consolação, em um sítio ínvio e quase ignoto nessa Província, com plena cooperação de um numerosíssimo povo.

Com piedosa satisfação, dispuseram-se todos em darem a sua importantíssima ajuda, uns com subscrições e outros com escravos e mais coisas úteis.

No mesmo tempo em que o irmão Frei Catarino Broa de Santa Maria assim diligenciava, o Danado Inimigo ins-

pirou muitos e mal intencionados homens para estorvar e destruir obra tão edificante e conveniente. Não faltaram então aqueles que, cegos ao muito fruto que o Frei Catarino tinha feito, pintaram-no com as cores mais pretas e feias, denegrindo sua sacerdotal conduta, com palavras ardidadas de vinagre e fel.

E o mais deplorável é que, passando da palavra à ação os que assim tramaram e injuriaram, encostaram fogo ao templo em construção, pondo a arder o seco e o verde, fazendo-o tocha na calada da noite, sacrificando o esforçado trabalho de sua fundação.

Perdeu-se, assim, no fumeiro e nas chamas o duro labor de muitos meses.

E, diante de semelhante caso, o que faz V.Ex^a.? Aplica a Justiça apurando os responsáveis à vista do ocorrido?

Não me consta, Exmo. Senhor, que assim tenha sido. Antes, o que me consta é que V.Ex^a. apressou providências para ordenar a partida do missionário Frei Catarino Broa de Santa Maria, declarando sua presença na Província nociva à tranquilidade pública.

Muito respeito a V.Ex^a. não só na qualidade de digno Presidente dessa Província, mas ainda como homem particular. Porém, movido talvez pelo sopro da intriga, V.Ex^a. de todo menoscabou o caráter sacerdotal e a pia obra executada pelo humilde servo de Deus, o virtuoso Frei Catarino

Broa de Santa Maria, ferindo-o injustamente com pena equivalente ao degredo, sem permissa defesa.

Animado de cabível sentimento de revolta, sinto ter de lhe dizer o que nesta carta foi dito. Seria calar a minha consciência de religioso e servo do Senhor, se assim não o fizera.

Curvado perante o Padre Eterno, oro e suplico por V. Ex^a. sempre e sempre em minhas orações. Deus guarde a V.Ex^a. Frei Damião de Santa Catarina, Guardião do Convento de São Francisco. Bahia”.

XL – armou com sua revolta um grande ruído

É certo que seria exagero reduzir a causa da partida do frei Catarino Broa de Santa Maria unicamente aos efeitos da carta do coronel Santinho Madrigal para o Presidente da Província.

Quais fossem as outras razões não repito eu por não ser comprido. Só digo que outra houve que se ajuntou às demais e, sabida ela, não se pode deixar de perceber o peso de sua influência na determinação do Presidente da Província de despachar o frade de volta para a Bahia.

E essa razão foi esta: havendo aparecido na vila de Itapemirim quatro índios portando papéis falsos e que se

diziam ser vereadores da Câmara de São João da Barra, Província do Rio de Janeiro, neles e nas palavras que disseram encontrou verdade frei Catarino Broa, partindo na sua companhia para a cidade de Vitória com o fito de suplicar o amparo do Presidente da Província.

Levados diante do Sr. Presidente, juntamente com o frade que requeria essa proteção, viu-se que falsa era a portaria que traziam consigo tanto como se supuseram por eles furtados um maço incompleto de leis de encardidas folhas e um antigo livro de registro da vila de São João da Barra que também traziam e ficaram na Secretaria do Governo.

Foram os índios presos e remetidos para a Corte e, como apesar de descoberta sua falsidade nela não creu o frade, criticando a ordem de prisão, foi o religioso duramente admoestado pelo Presidente Provincial e ordenado a regressar a seus ministeres na vila de Itapemirim.

Ali chegando, contrafeito e ofendido, frei Catarino Broa armou com sua revolta um grande ruído, de todos ouvido na primeira missa de domingo, condenando a prisão dos índios aos quais chamou de “miseras e indefesas criaturas”, dando-as como “vítimas da injustiça dos homens, tão flagelante quanto as penas do Inferno”.

Este acontecimento assaz desgostou o Sr. Presidente Provincial quando lhe levaram o testemunho do ocorrido.

A pessoa que prestou de informante foi um sujeito cor de formiga, nem forte nem fraco, de pés voltados para dentro e de avançada calvície e esquivos olhos de enguia, exibindo negro bigode como se fosse rolo de fumo, conhecido intrigante de caráter escuro que se aprazia em urdir tramoias, obrando com grande satisfação de sua alma endurecida e miúda.

Esse homem, a quem vim a conhecer muito de perto no desempenho de minhas funções junto ao Presidente Machado de Oliveira, era deputado à Assembleia Provincial e sucedeu que estava transitando pela vila de Itapemirim quando frei Catarino proferiu a prédica em favor dos falsos índios na missa dominical.

Tendo ouvido ao frade as palavras por ele ditas, em hora de desabafo, o esquivo deputado guardou-as nos escaninhos das orelhas e as formigou por inteiro ao Presidente da Província, requerendo por escrito medidas punitivas e abertura de devassa.

Querendo o destino que me caísse sob os olhos esse requerimento, pude enxergar o fundo da desalma desse mesquinho intrigante. Primeiro, por ter colocado na boca do frei Catarino palavras de pesada insolência contra a pessoa do Presidente Provincial as quais eram mais falsas que os falsos papéis dos quatro índios ditos vereadores; segundo, por ter atribuído ao sacerdote o mau propósito de

querer dar socorro aos índios para haver deles a confiança e os levar a trabalhar num sítio que o frade pretendia adquirir na vila de Itapemirim onde ia desenvolver roças de cana e casa de fabrico de aguardente, já tendo encomendado as engenhocas para pô-la em funcionamento.

Tais detrações eram coisas nunca sabidas e jamais ouvidas nesta vila de Itapemirim, soendo ser maravilhosa mentira a respeito do sacerdote, brotada unicamente da doentia e fantasiosa mente daquele embusteiro

Reputam-se, portanto, estes episódios, reunidos aos outros antes narrados, como sementes da mesma fava, formando, grão a grão, as razões da saída do frei Catarino Broa de Santa Maria da Província do Espírito Santo, poucos dias antes de ter o Presidente Machado de Oliveira assumido o Governo.

XLI – uma cena feia e terrível

Voltemos ao relato do grumete Nico Querubinho sobre os derradeiros navegares do brigue **Vinte e Nove de Maio** em sua derrota para a cidade de Salvador.

Não soube o grumete precisar se foi no rio Jequitinhonha ou no Pardo ou em outra qualquer boca d'água nas partes meridionais da Província da Bahia; o fato

é que fundeou o brigue, em uma delas, depois de romper pelo rio um quarto de légua adentro, e o bastante para dar resguardo à embarcação na passagem da noite que caía pesadamente. E nessa paragem, assim elegida, ficaram e venceram aquele pernoite.

Antes do nascer do sol, no rompimento das primícias alvoraes, foram os de bordo abruptamente despertados por confuso alarido de vozes que se levantaram da terra, na margem próxima do rio, brotadas de dentro dos cerrados matos, em local impenetrável ao alcance dos olhos. De mistura com o vozerio alevantado, ecoaram alguns seguidos estampidos de arma de fogo, demonstrando a gravidade de tão grande tumulto.

O espanto dos marujos casou-se com o de Boncarneiro que não resistiu ao desejo de ir à terra averiguar a origem daquele imprevisto sobressalto, mas que já havia cessado subitamente, mergulhando o lugar em suspeitoso silêncio.

Movido desta curiosidade, Simão armou um decidido troço de cinco homens, enfiou ele próprio uma pistola pronta no correião que lhe cingia a cintura e atingiram em concurso e num escaler a margem do rio, arrastando Querubinho pela fralda da camisa que de outra forma não teria ido.

O desembarque se deu num ponto propício que acusava indícios de ser antigo ancoradouro, dando imediato acesso a uma desimpedida picada, aberta no meio das matas por onde penetraram.

Depois de curta caminhada, defrontou-se espaçosa clareira na qual sobressaía modesta casa de fazenda, construída de barro e coberta de telhas, vendo-se ao seu redor algumas plantações de mandioca e uma pequena fábrica para produção de farinha.

Não foi mister maior esforço para se descobrir a causa dos tristes e desconcertados gritos ouvidos do brigue: uma cena feia e terrível saltou a todos, composta de quatro corpos humanos varados por setas, os quais jaziam no alpendre da casa, sendo três de negros e outro de um homem pardo, quase expirando, e que logo depois morreu num lago de sangue.

Aquele que desta triste forma expirou diante dos olhos apavorados de Querubinho, tinha na mão uma pistola da qual supostamente partiram os tiros disparados contra os índios que audazmente atacaram a fazenda naquela rubra madrugada.

Alguns dos marinheiros, tocados de indominável indignação por aquele revoltante estrago, manifestaram intenção de partir com suas armas no encalço dos feros índios assassinos. Mas retrogradaram logo em seus apressados passos quando ouviram, dito pela voz de Simão, o seguinte aviso: “Volta tudo pro barco; e volta logo, sem despejar nos índios a valentia da vingança. Essa guerra não é pra marujos e a desgraceira desse medonho crime pode acabar caindo nos nossos cangotes”.

Ouvindo a advertência, aqueles mais afoitos que já partiam nas pegadas dos verdadeiros culpados, acharam senso nas palavras do contramestre, e voltaram e se ajuntaram e rumaram todos para o brigue. E na pressa de se afastarem daquele lugar amaldiçoado, abandonaram insepultos os corpos trespassados pelo gentio.

Pela mesma picada por onde vieram, por ela retornaram.

Logo, porém, na primeira volta desse estreito caminho pulou de repente de dentro do mato, surpreendendo a todos, um chinês com as mãos erguidas que parecia estranhíssimo bicho nunca visto por estar revestido de farinha de mandioca da cabeça aos pés. E, desse modo, recoberto de farelos parecia mais lívido do que já estava lívido de imenso pavor.

Expressando-se em péssimo português, pediu custódia, fazendo acompanhar seu petítório de sucessivas curvaturas feitas na frente de Simão Boncarneiro, que aquiesceu em o levar para bordo.

Era esse chinês empregado na fazenda, cujos proprietários estavam ausentes, tendo escapado à chacina do gentio com o se ocultar dentro de um escondido depósito de farinha de mandioca donde saiu para rogar a proteção de Boncarneiro.

Juntou-se, pois, aquela bizarra figura à gente do brigue. Ao recebê-lo, proferiu Simão a seguinte sentença: “No barco já tem um padre e uma índia e vai também uma novilha (referindo-se a Querubinho); pode caber agora um china”. E os que ouviram essas sarcásticas palavras e que eram os que tinham visto o terrível insulto do gentio abriram-se em rasgados risos, esquecidos de que, pouco antes, tinham deixado ao tempo, por pura covardia e com a desgraça muito pouco sentidos, quatro insepultos defuntos na fazenda assaltada.

XLII – coisa de alto espanto e grande sacrilégio

Com vento maneiro a embarcação se avizinhou nesse mesmo dia, tão mal começado, da barra da vila de Ilhéus onde escapou o contramestre Simão Boncarneiro de cometer condenável desatino, coisa de alto espanto e grande sacrilégio: sendo a quase noite de um sábado e sabendo Boncarneiro da existência de ricas alfaias na igreja de Nossa Senhora da Vitória, tramou o plano de a irem saquear.

Reuniu um punhado de homens tendo à frente o marinheiro Canhoto, indivíduo matreiro e de natureza dissimulada, vestiu ele próprio a indumentária retirada ao frade para, por esse meio, melhor ludibriar a boa gente da vila e ditou ordens de baixar um esquife.

Quando andavam todos nestes preparatórios de rapinagem, aproximou-se do brigue uma embarcação de bandeira inglesa, empregada na repressão do tráfico negreiro, demonstrando, por sinais, intentos de abordagem.

Antecipando-se a tão inoportuno propósito que seria sua desgraça e perdição, em virtude dos vestígios da carga de escravos que ainda restavam no barco, o astuto contramestre fez prontamente içar a bandeira amarela, dando falso aviso de peste a bordo o quanto bastou para que o navio inglês se pusesse a distância.

Pegados, entretanto, de justo medo por ficar a escuna britânica na espreita do **Vinte e Nove de Maio**, desistiram os marinheiros, e com eles o próprio contramestre, de irem às alaias da igreja; e, tanto que logo raiou a aurora com seus dedos violetas, deram-se velas para a cidade de Salvador no refresco da madrugada.

Por esse ardil e matutina fuga, livrou-se o trevoso Boncarneiro de cair em mãos inglesas e de ser arrastado para a ilha africana de Santa Helena, reduto britânico onde são postos em julgamento os que traficam com negros escravos.

XLIII – o brigue escapou de menesgueio

Foi essa a segunda vez que o brigue **Vinte e Nove de Maio** andou perto de ser capturado pela vigilância inglesa que costuma deitar olhos de albatroz no litoral brasileiro, ávidos de fisgarem os solertíssimos e fugidios barcos negreiros de bandeira nacional.

A primeira vez aconteceu antes, quando o **Vinte e Nove de Maio**, com sua improvisada carga de escravos apanhados na vila de Piúma, navegava nas proximidades do estuário do rio Doce, defronte da povoação de Regência Augusta.

Por esperta recomendação de Boncarneiro, levava o brigue apenas um vigia, postado no mastro menor, ao invés de um em cada mastro como é comum nos navios que transportam escravos e que assim procedem para sua melhor vigilância e proteção.

“Não sobe dois, sobe um, que os besta do inglês não vão botar desconfiança num só macaco na vigia” - era como falava o astucioso contramestre.

Com efeito, na dita barra do rio Doce, ou porque a escuna inglesa, que no local navegava, seguia na esteira de outra embarcação de maior porte, ou porque o **Vinte e Nove de Maio** mantinha apenas Querubinho no posto da vigia, o fato é que o brigue escapou de menesgueio à abordagem

britânica. Pôde, portanto, Boncarneiro chegar com sua carga de escravos até o rio São Mateus onde foram todos vendidos, conforme sabeis, e foi contado pelo falecido mestre Ovidino Serapião.

Vencido esse susto, ocorreu o pitoresco episódio da captura do gavião do mar.

Achava-se Querubinho no tope do seu posto de sentinela quando se aproximou do barco uma grande ave que era um majestoso gavião. Dando sinais de cansaço, voejou em torno das velas e veio pousar quase por sobre a cabeça do grumete.

Num golpe ágil, Querubinho agarrou-o pelos pés sendo quase atirado ao mar pelo forte bater de suas agitadas asas.

Descido o pássaro ao convés, pôde-se ver que trazia preso no pescoço um mínimo bilhete que acabou ficando em poder de Querubinho por direito de apresador.

Neste bilhete lia-se o estranhíssimo aviso que dizia: “**latitude** 20° 30’S; **longitude** 29° 18’W; ship South America”.

Na ocasião, o significado da mensagem ficou perdido. E do gavião capturado, afora o bilhete, restaram somente as penas e as tripas, por ter servido de excêntrico repasto para Boncarneiro deixando grande saudade no coração menino de Nico Querubinho.

Tendo o grumete me mostrado a suja e amarfanhada mensagem, por ele guardada no seu barrete **verdemelho** como um pequeno tesouro, interessei-me por identificar a coordenada geográfica nela contida o que fiz consultando uma carta náutica, podendo ver que correspondia à Ilha da Trindade, o que informei a Querubinho.

Não foi possível contudo, passar desta descoberta, recaído sobre o episódio do gavião mensageiro impenetrável mistério que até hoje aguça a curiosidade de Nico Querubinho.

XLIV – chinês no mar, muito azar

Ao chinês escapado à chacina dos índios, por ter aparecido coberto de farinha, botou Boncarneiro o cognome de Beiju, coisa que se passou do seguinte modo: havendo todos conjuntamente deixado o local do hediondo morticínio, embarcaram no escaler e, à força de remos, seguiram para o brigue fundeado no meio do rio.

No curso desse trajeto, voltando Boncarneiro os olhos para o chinês ainda todo sujo de enfarinhada imundície, soltou o contramestre desmedida gargalhada, dizendo em seguida: “Afunda o china na água mode lavar a poeira da farinha; mas põe tento neste serviço para o **beiju** não virar paçoca”. E ali nasceu aquele nome singular.

Escutando a ordem, dois marujos que viram naquele mandado o azo para fazerem da lavagem do chinês motivo de troça e de folia, largaram os remos e, despojando-o a pulso das poucas vestes que trajava, lançaram-no ao rio enquanto o mantinham seguro apenas pelo rabicho do cabelo.

Debatendo-se atabalhoadamente, a pobre criatura gritava no seu estropiado linguajar, entre golfões de água: “Chinês no mar, muito azar; chinês no mar, muito azar”. E assim falava, ou porque tinha esquecido em sua aflição que o estavam pondo dentro do rio, ou porque deveras lhe entrava a água pela boca com o gosto salobre do mar.

Mas os que isso ouviam tomavam o dito por embuste e por pilhéria, crendo que fosse esperto artifício para interromper o banho ordenado por Boncarneiro. E se punham a rir mais zombeteiramente ainda do infeliz chinês por essa forma lavado da sua capa de farelos.

Quando foi ele ao final restituído ao escaler, viu-se que era, despido e limpo, mais branco do que parecera antes, recoberto de farinha.

Só depois de findar a divertição dessa lavagem, subiram todos a bordo do **Vinte e Nove de Maio** e soltaram ferros aproveitando o propício dos ventos.

Nem sequer se tinha navegado uma curta distância e logo se veio a perceber que era o chinês de natureza indo-



lente e amolecida, pouco afeito ao labor, empregando-se com grande moleza no cumprimento de suas tarefas, preferindo sempre as leves às pesadas, deixando, mesmo essas, incompletas ou mal feitas. Gastava, assim, do seu tempo a maior parte em dormir e rressonar e tanto bastava recostar a cabeça em algum encosto e suavemente adormecia como se contaminado vivesse de infindável sono.

E, como por dormir tão facilmente não escolhia dia ou noite, constantemente se ocultava nos lugares mais secretos para se entregar a sua ociosidade costumeira, tanto que fora dormindo que se livrara da matança dos índios.

De sorte que, ao cognome de Beiju, foi acrescentado o sobrecognome de Preguiça, dado por Querubinho.

Com esse desonroso apelido, viveu e morreu da triste morte que a Deus lhe aprouve mandar para castigo de sua incurável indolência.

Por não demonstrar prestantia para serviços mais graves, Boncarneiro mandou-o servir de sentinela ao barco.

Já se está a ver o desacordo dessa escolha com a importância da missão. Mas a astuta intenção do contramestre a todos se revelou nestas palavras: “Na árvore da vigia, se o Beiju dormir, vira farinha no chão”.

A custa de vários tropeções e alguns bofetes foi então o improvisado sentinela levado para o cimo do mastro do qual antes se fez descer, por determinação de Boncarneiro,

o cesto da vigia a fim de não servir ao chinês de prazeroso ninho.

Quis o contramestre por esse estratagema obrigá-lo a dominar sua incontrolável sonolência, mantendo-o alerta permanentemente.

Não se passou muito tempo, porém, viu-se e ouviu-se que o industrioso estratagema não ofereceu o resultado desejado pois chegaram ao convés os fortíssimos e silvados roncões partidos do chinês.

Mal podendo acreditar no que ouvia, assomou ao mastro o próprio Boncarneiro para averiguar de perto tão incrível feito.

Lá, naquele alto, constatou que o preguiçoso sentinela havia despido as marinheiras calças e com as pernas delas se atado ao mastro da embarcação, evitando solertemente sua queda enquanto pegava de sono profundo.

Fulo de raiva, desceu Boncarneiro trazendo nas mãos as calças do chinês que ficou em camisas e impossibilitado de novamente se poder amarrar ao mastro como da primeira vez.

“Não é de raça, mas de sono, que esse chinês tem os olhos espremidos”, desabafou Simão.

Somente se veio a saber que ele havia adormecido de novo quando o seu corpo se estatelou no convés, tendo com essa desastrada queda rompido as veias ocultas, deixando escapular pela boca seu morno e lânguido sangue chinês.

Diante de toda a tripulação reunida em concurso, foi o defunto encomendado a Deus pelo frade capucho e, em seguida, cosido numas tripas de pano de vela, atirado ao mar onde mergulhou desta feita sem alardes. Mas para Querubinho era como se estivesse gritando o aviso profético: “chinês no mar, muito azar”.

XLV – cresceu uma pesada tempestade

Antes algumas milhas de se avistar a barra do Recôncavo cresceu uma pesada tempestade, com estupendos trovões, fazendo o dia virar noite, parecendo que o céu baixava n’água pelo peso dela.

Enquanto o espesso mar empolava em ondas de grande grossidão, despencou um fortíssimo chuveiro de cortantes pingos, semelhando afiados dentes de ferro mordendo com eles tudo que tocavam.

Ferido pelo primeiro medo e lembrando-se da profecia do chinês, Querubinho principiou a rezar, puxando um coro de muitas vozes que diziam:

“Santa Clara, clareai,
Santa Bárbara, aliviai...”

Quando teve fim esse cantochão, levantou-se a voz de Esmeraldina Especiosa, no começo, tenuemente, depois crescendo em lamúria:

“Graças a Deus
Que já me deitei
Sete anjos encontrei
Três nos pés e
Quatro na cabeceira
Olhos postos para os Céus
Pensamento para a Glória.
Cuida Deus
Quem Deus adora.
Minha alma é de Jesus,
Jesus queira me salvar.
Quem essa oração souber
E não ensinar,
Na hora da morte
Se arrependerá”.

Aos que todos ouvindo isso, repetiram em concurso:

“Minha alma é de Jesus,
Jesus queira me salvar...”

Foi então o frei Catarino chamado a orar e rogar a clemência divina. E, assim chamado, cristãmente acedeu e, indiferente à forte chuva e aos formidáveis balanços do barco sacudido por medonhas vagas, aproveitou a ensanchar e verberou seus atemorizados ouvintes com as visões proféticas de Daniel:

“...e eis que os quatro ventos do Céu pelejavam uns contra os outros num grande mar. E quatro grandes animais diferentes uns dos outros subiam do Oceano... “

Atentando para essas bíblicas palavras, toda a tripulação se pegou de maior medo e, transida de incontido pavor, buscou o frade numa procissão de desespero para dizer em confissão suas culpas e perdições, em número inumerável, por serem todos brutos e faltos de doutrina tendo as almas infeccionadas de pecados.

Dentre os mais, na geral confusão, lançou-se em dianteira um deles, conhecido pela alcunha de Canhoto, por esse apelido indicando suas partes com o Demo, o qual, tocado de medo mortal da morte, se largou a gritar em altas vozes uma multidão de pecados, correndo o frade a tapar-lhe a boca. Como, todavia, não o fizesse a tempo, publicou

o pecador, sendo de todos ouvido, o imundo pecado da sodomia praticado em Esmeraldina Especiosa nas costas do contramestre Simão Boncarneiro, disso ignorante até então.

Ao ouvir tamanha desafronta, gritada na voz do atormentado pecador, Boncarneiro arremeteu sobre ele, invadido de ódio superior ao próprio medo da tempestade. E, com os olhos despejando setas e pedradas, aplicou-lhe, com o grande pé, violenta pernada nos membros genitais que o atirou, num urro de dor, totalmente baldado no convés como uma torre tombada, silenciando, desse modo, aquela boca do Inferno.

Em seguida, prostrou-se Boncarneiro de joelhos, enrodilhando-se nas vestes do frade, suplicando perdão de suas culpas pois eram tantas como as folhas e tão dilatadas e terríveis que superavam em grandeza às berradas pelo infeliz Canhoto antes de ser emudecido pelo sofrenão do contramestre, sendo esse, até então, o último de seus pecados.

Com extraordinária e santa paciência, deu o frade consolo e serenidade àquela gentalha rude e bestial trazendo suas almas ao grêmio da Igreja, mas apenas enquanto durou a tempestade.

Logo que serenaram as ondas e se abrandou o vento, desfizeram-se os propósitos de arrependimento e dor, e

pouquíssimos chegaram a cumprir as penitências traçadas na hora já passada da aflição, pouco se lhes dando rei ou prelado, lei ou pecado, por serem todos hereges por natureza e por costumes piratas.

Desta forma, chegou essa má gente na cidade de Salvador onde desceram todos em terra defendendo-se pela fuga, e cada um pelo seu lado, dos crimes que têm feito, malditos e amaldiçoados da maldição de Deus Todo Poderoso.

A última visão que Nico Querubinho guardou de Boncarneiro foi quando ele, uma vez mais, despindo ao frade a roupeta, nela se intrometeu, encobertando por esse meio sua crosta de duros pecados, desgarrando-se pelos vazios não sabidos do mundo.

XLVI – a embarcação foi submetida à lavagem e benzimento

Só o padre Catarino Broa de Santa Maria, Esmeraldina Especiosa e Nico Querubinho tomaram os rumos da exceção.

Os dois primeiros, logrando abrigo nos conventos de Salvador onde a mulher serviu de lavadeira aos frades durante os dias em que se conventuou; Nico Querubinho, reunindo toda a máxima coragem de que foi capaz, procurou

o armador do brigue **Vinte e Nove de Maio** e, dando-se por vítima dos acontecimentos, relatou toda a triste e feia aventura da embarcação nos descaminhos traçados por Simão Boncarneiro.

Diante das autoridades, o grumete teve sua voz tomada por certidão, sendo por esse gesto de depoimento e nobre testemunho, absolvido de suas culpas que mínimas eram por muito que se somassem.

Ganhou assim o direito de voltar à nova tripulação do brigue, como deveras aconteceu.

Na Bahia, foi a embarcação submetida à lavagem e benzimento com água benta e de cheiro para livração de tantos males e más influências.

Logo depois, viu-se reequipada e aprestada para outras cabotagens na mesma rota, razão e causa de sua aportagem na cidade de Vitória, propiciando-me a fortuna de nela embarcar e de conhecer o grumete Nico Querubinho. Esse mesmo que desde o princípio me proveu com a maior boa afeição, demonstrando-me por gestos e palavras, notável consideração e apego.

Tão nobre sentimento a mim devotado levou-o a se fingir de enfermo, no que obrou com muita solércia que a todos iludiu, sendo por tal fingimento tão bem representado, desembarcado comigo na vila de Itapemirim e daí recolhido para tratamento na Casa da Misericórdia de Vitória.

Nela, contudo, restou o mínimo de tempo para pôr em execução o plano que caladamente maquinou o qual foi o de desertar do brigue se passando por doente.

E, assim procedendo, evadiu-se da Casa da Misericórdia e veio ter à minha presença nesta vila de Itapemirim.

Aqui, suplicou com voz querubinha e cândidas palavras abrigo e agasalho em minha casa, recebendo de mim permissão e licença para nela morar por ser isso também do meu gosto e agrado.

Chego desta forma ao termo dessas memórias no justo momento em que o suave Querubinho, ostentando na cabeça o seu inseparável barrete, serve-me cheio de gorjeios e assovios, um saboroso fresco de pitangas por ele mesmo colhidas neste sítio de minha propriedade, onde desfruto a pacatez da vila de Itapemirim e onde cuido findar meus dias, servido de tanta afeição, digestivo e feliz.

XLVII – o destino reservou-me espantosa surpresa

Já havia eu dado por finalizados esses assentos, que ficaram guardados e cobertos pelo pó durante dois anos, quando o destino reservou-me espantosa surpresa fazendo reaparecer uma das criaturas que uniu seu nome ao brigue

Vinte e Nove de Maio, propriamente o malsinado Simão Boncarneiro. Por tal motivo reabro essas memórias para acrescentamento do que a seguir escrevo.

Tendo-me perecido de infausta morte um escravo de minha propriedade afogado no mar, dando caça a um peixe-boi surgido na barra do rio Itapemirim, dirigi-me na companhia de Nico Querubinho até a vila de Piúma a fim de adquirir nova peça para substituir aquela que as águas me subtraíram.

Durante o percurso desta vila de Itapemirim até a de Piúma, o meu doce sangue para vespas atraiu-as aos montões sendo eu acutilado por seus duros ferrões do que só a muito custo me pude livrar, sobrevivendo-me ardentes febres causadas pelas doloridas picadas produzidas em meu corpo.

Dado esse mau fado, tive de permanecer recolhido ao leito quando cheguei à vila de Piúma.

Impossibilitado de obrar pessoalmente as providências para a compra do escravo, motivo da minha ida àquela povoação, encarreguei Nico Querubinho de se empregar nesse mister, procurando os locais, naquele lugarejo, onde se faz vulgarmente o comércio de negros.

Nessa desincumbência, Querubinho gastou algumas horas, retornando mais tarde para me dar conta não só de haver concertado a compra de um escravo ladino de boa

dentição, como também para me informar ter avistado Simão Boncarneiro que se deparava na vila com o fito de comerciar escravos nas tendas dos vendilhões.

Esta notícia, trazida quase ao cair da noite, acendeu-me o desejo de me avistar com o famigerado contramestre. Atiçava-me incontida curiosidade quanto à pessoa daquele marujo como também me dominava um insopitável desejo de conhecer pormenores sobre o destino do contramestre depois de haver abandonado, na Bahia, o brigue **Vinte e Nove de Maio**.

Acreditava ainda que pudesse ganhar a sua confiança tornando-o suficientemente loquaz a ponto de obter dele a narrativa de ocorrências que, por certo, seriam dignas de completar este repositório de lembranças.

Desta maneira, incumbi Nico Querubinho, embora cercando-o de recomendações contra as ardilezas do contramestre, de concertar com ele um encontro para o dia seguinte, quando contava estar recuperado em minha saúde momentaneamente abalada.

Desobrigou-se Querubinho assaz diligentemente deste trabalho ficando certo o encontro com Simão Boncarneiro para a manhã seguinte, no exato momento em que Boncarneiro ia zarpar na sumaca **Boa Viagem** na qual havia tocado na enseada de Piúma.

XLVIII – senti-me como o presidente Machado Oliveira

De fato, despertei no outro dia bastante mitigado das febres e decaimento do corpo.

Não havendo localizado Nico Querubinho e não desejando retardar o encontro com Boncarneiro, dirigi-me, na hora apazada, para o trapiche junto da praia, vendo a manhã abrir em dia de muito sol e pouco frescor dos ventos.

Lá chegando, lobriguei facilmente a sumaca **Boa Viagem**, embarcação que sem ser pequena, também não era de tamanho desprezível.

A distância de um grito que me separava do barco permitia-me divisar com clareza as pessoas que dentro dele apareciam. A primeira delas, por mim reconhecida, acenando-me com seu barrete de grumete, foi Nico Querubinho.

Perto dele, sobressaía a figura descomunal de uma criatura de aspecto maligno, portando negras barbas, não deixando dúvida tratar-se de Simão Boncarneiro, por mim logo identificado naquela que foi a primeira e a última vez que lhe deitei os olhos.

Não posso calar o pasmo do que presenciava, sobremodo quando a sumaca içou velas e principiou a distar mar afora.

Por um instante, senti-me como o Presidente Machado de Oliveira, sucumbido e derreado naquele mesmo local, alguns anos antes, vendo partir o brigue **Vinte e Nove de Maio** levando o baú de viagem que lhe pertencia. Só que desta vez, Simão Boncarneiro surrupiava ao seu legítimo dono algo mais precioso que um mero baú e que era Nico Querubinho.

Diante daquela cena, que me compungia a alma, não pude conter um grito na direção da sumaca, clamando por Querubinho, escandindo no ar as silabadas do seu nome. Mas meu brado foi ao vento em vão deitado.

O simples retribuir de novo aceno, com o desbotado barrete, deu-me aviso e certeza de ter sido ouvido.

Mas foi apenas esse sinal que recebi de Querubinho. Depois de tanto tempo da mais pura afeição colhi por despedida uma barretada de grumete.

Não escondo que tocado por tamanha desconsideração, não pude conter a fúria e vociferei possesso: “Nico Novilha!”

Entrementes, pensei comigo mesmo: “se não é que lhe entrou o demônio pelos miolos adentro só lhe posso condenar asperamente sua surda e endurecida ingratidão”.

XLIX - vamos ver quem vai sobrar

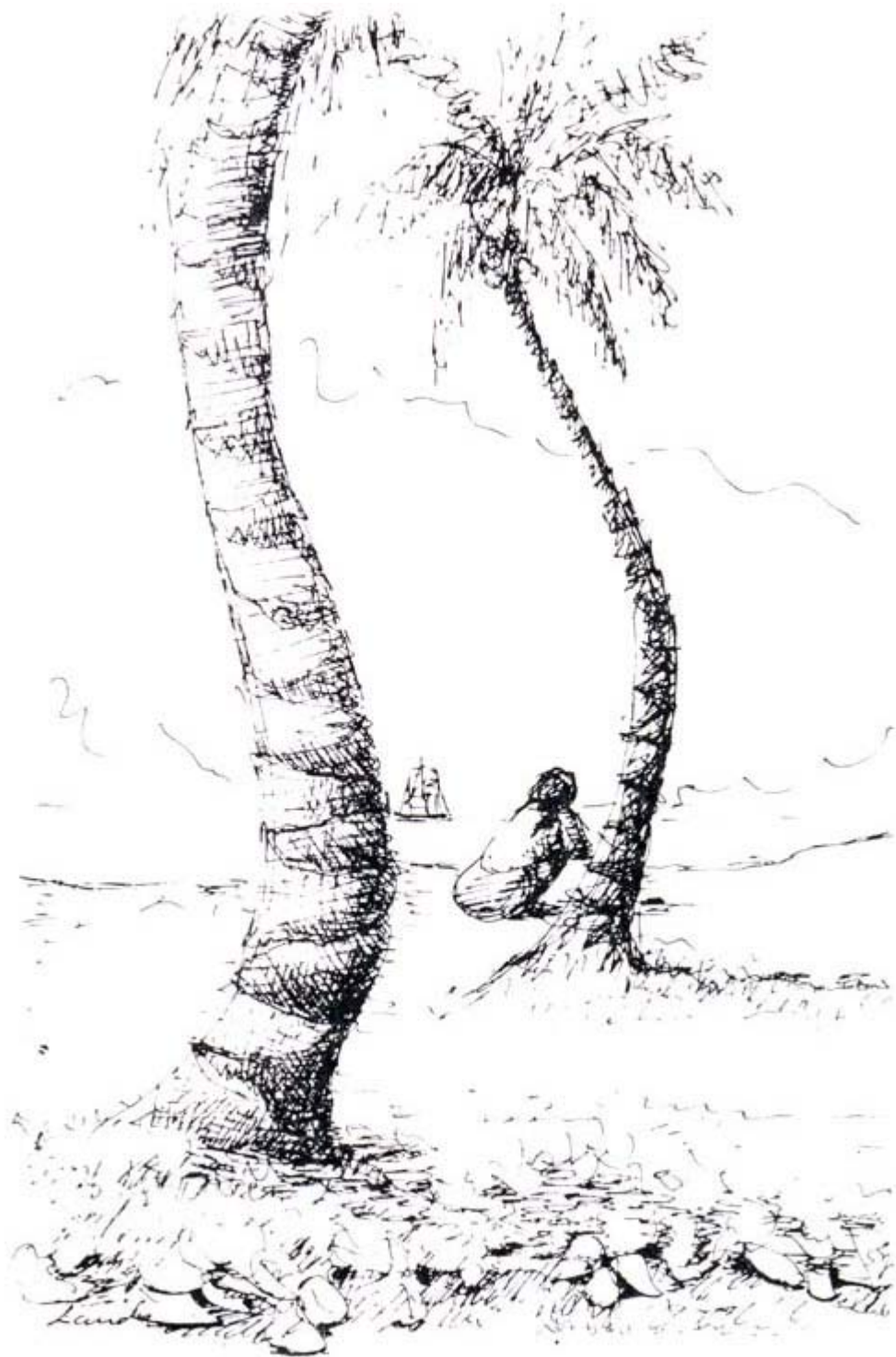
Enquanto a sumaca ia minguando na lonjura do mar, continuava pegado na praia, sentindo escorrer o suor úmido até os pés dentro da areia, sem força de me safar daquela aflição e tristeza, já padecendo o estrago da saudade e condenado sem socorro a uma dura solidão.

Pareceu-me que permaneci ali postado longo tempo, imóvel e erecto.

Inexplicavelmente, neste momento de íntimo desamparo e mágoa pura, sem quê nem por quê, estorvou-me a mente uma longínqua toada da infância que falava assim:

“Uma pulga na balança
Deu um salto, foi à França.
Os cavalos a saltar,
Vamos ver quem vai sobrar ... “

Livrou-me desta vadiação do espírito uma voz de mulher que me chegou aos ouvidos e feriu minha percepção, dizendo: “Major, não arrepara no que vos digo e não leve a mau o meu dito. Mas arreda pé desse chão de areia e cuida da vida mode que Querubinho está de todo perdido. Simão,



aquele amaldiçoado, carregou com ele no meu lugar e me largou de lado, sem beira nem esteira, nessa perdição de mundo, arrenegada que nem tartaruga emborcada”.

A mulher que assim pedira licença para opinar e me dirigia essas estranhas, porém, verdadeiras palavras, estava acorada no alto da praia junto de uma canoa de pesca, entre dois coqueiros aduncos. Talvez por isso não a tivesse notado quando cheguei em busca de Simão, para quem só tinha atenção.

Reparando melhor, pude ver que perto da mulher jaziam uns trastes enrolados em pano grosso, reunindo talvez todos os seus pertences numa pequena trouxa.

E, num reparo ainda mais acurado, reconheci na mulher a figura de Esmeraldina Especiosa, fitando-me tristemente com seus incríveis olhos verdes.

L – a sorte muda

Vexa-me dizer que, fazendo hoje sete meses que Querubinho partiu, vivo eu ainda sem a coragem terrível da renúncia, relutando em aceitar o contragolpe do destino.

Fortuna mutatur, a sorte muda.

Em minha companhia, empregando-se nas fainas da casa e se dando toda de cama e fogão vive hoje Esmeraldina Especiosa, por mim recolhida na enseada de Piúma.

Sua presença, contudo, não é remédio para a grande falta de Querubinho.

Esta índia tem-me suprido como pode nas minimezas domésticas, prestando-me à porfia os serviços que lhe cabem, faltando-lhe, porém, desvelos maiores o que atribuo à reconhecida incompetência da gente de sua espécie.

Mas digo também, com uma espécie de vergonha, que minha natural inaptidão para o trato com femininas criaturas pode estar contribuindo para o pouco sucesso de Esmeraldina Especiosa.

Na verdade, falece-me, por certo e por seguro, o ânimo estupendo e concupiscente que sobejava em Boncarneiro visto que, segundo me relatou Querubinho, havendo ele afundado nas ostras de variadas mulheres, delas podia dizer com assaz sabedoria e conhecimento: “as fêmeas são tão diferentes quanto os próprios gozos”.

Apesar disso, devo a Esmeraldina Especiosa os informes dos sucessos havidos até o seu abandono por Simão Boncarneiro na praia de Piúma.

Disse-me ela que, morrido o professor Antunes, tornou-se virtualmente senhora e dona da casa do falecido por não haver ele herdeiros conhecidos.

Nessa casa a foi deparar Simão Boncarneiro na sumaca **Boa Viagem**, a caminho da vila de Piúma (servindo sua vinda de maior dano do que todos os danos oriundos da vinda anterior).

Movia a Simão, segundo ele confessou, o aceso desejo de rever a curimã, propondo-lhe seguirem juntos para a Corte.

Relutante, a princípio, deixou-se Esmeraldina seduzir pelas palavras promitentes do contramestre e pelas falsas juras dele ouvidas.

Esquecendo-se da índole perversa de Boncarneiro, a mulher pôs fé e esperança em suas vãs promessas; desfez-se logo da casa e de umas tantas quinquilharias, encaixotou os preciosos livros do falecido, os quais foram levados para o extinto colégio dos jesuítas onde foram postos em custódia; amealhou o pecúlio assim conseguido e se meteu a bordo com Simão.

Duraram essas núpcias sem matrimônio até a enseada de Piúma onde o inesperado surgimento de Querubinho fez mudar os propósitos de Boncarneiro; ali, ele desdenhou a mulher sem dó nem ré, trocando-a pelo grumetinho e espoliando-a ainda de suas magras economias.

Penalizado de sua mísera sorte, ofereci-lhe agasalho em minha casa, na qual se encontra presentemente.

Sobre ela posso reproduzir as palavras há muito tempo ouvidas ao professor Antunes: “Esmeraldina, se bem não me serve, mal não me desserve. E, já que cá veio, cá fica”.

Através dela nada logrei saber da vida de Simão Boncarneiro, motivo, como sabeis, que em hora de má inspiração me instigou a querer procurar o contramestre,

origem e razão da irremediável perda de Querubinho. Mas a índia nada me soube dizer visto que Simão também nada lhe dissera nem contara.

Perdurará para sempre esse vazio nessas reminiscências.

Vazio imenso como a falta de Nico Querubinho, novinho tresmalhado e ingrato que, entretanto, não me desengano de crer, retomará um dia a este meu sítio, na boca do rio Itapemirim, de cujo cômodo mais alto estico diariamente os olhos para a vastidão verdeazul do mar, tristemente a ver sumacas...

LI – como plúmbeos e carregados nimbos

Mas não se inquietem os muitos e os vários que me conhecem ou me hão conhecido ou mesmo os que de mim vierem a saber por parte deste manuscrito: se Querubinho não regressar, como pródigo filho adotivo de minh'alma, juro pelos dobrões de minha farda que saberei congregar todas as forças de que sou capaz para transpor e vencer o estado de solidão em que me encontro.

Não admitirei que por mim repiquem impropriamente os sinos das lamentações, nem que parem, como plúmbeos e carregados nimbos, censuras sobre minha cabeça e sobre

meu nome por culpa de nobres sentimentos a que não foram insensíveis os filósofos gregos.

Minha inicial formação religiosa e moral deu-me o justo discernimento para distinguir o certo do errado; a carreira militar que abracei completou-me com o me ensinar a arte da disciplina à qual me habituei tanto na vida pública como na particular.

E nem poderia ser outra a minha atitude em coerência com um passado de relevantes serviços prestados à minha terra cujo ápice se deu no desempenho da comissão como major ordenança do Presidente Machado de Oliveira da qual pude colher os curiosos fatos que achei por bem registrar nestes assentamentos pelos aspectos de interesse que neles vi.

Por tudo isso, se outra fosse minha conduta diante da adversidade não pouparia a mim mesmo naturais recriminações e nem seria eu o ex-comandante de Pedestre Marcelino José de Castro Silva.

APÊNDICE

VIAGEM DE PIÚMA
À CAPITAL DA PROVÍNCIA

A nomeação que tive de presidente desta província em 5 de agosto de 1840, impôs-me o dever de partir quanto antes da corte para o meu destino, como urgiam minhas circunstâncias e as recomendações do governo. Duas ou três eram as embarcações da província que se achavam no Rio de Janeiro, e todas elas ofertaram-me transporte; mas preferi a que tinha mais demora em sair, porque ainda me faltavam arranjos e esta deliberação foi inspirada pelo meu mau fado, porque fixei minha passagem no brigue “Vinte e Nove de Maio”.

Embarquei e saí do porto do Rio de Janeiro em 17 de setembro com terral fraco, que para a tarde tornou-se quase calmo, cujo estado durou até ao meio-dia de 18, que veio uma aragem do Sudoeste pondo o navio a caminho. À meia-noite soprou nordeste fresco que obrigou o navio a seguir rumo de L.

Relato da autoria de José Joaquim Machado de Oliveira, que governou o Espírito Santo de agosto de 1840 a abril de 1841. Fonte histórica que motivou o romance **A Nau Decapitada**.

Este vento aturou rijo até 26, obrigando o navio a navegar mais de 10 graus a rumo de Leste. No dia 27 apareceu rebojo; neste dia e no 28 navegou-se a caminho com Sudoeste. O dia 20 passou-se em calmaria; e a 30 ventou N.

Ao clarear deste dia subindo o contramestre ao mastro grande disse de lá que se avistava terra; e esta notícia muito agradável fez surdir dos beliches e camarotes a mais de um a quem comprazia tal notícia e a sua ideia associada de não estar muito remota a ocasião de terminar viagem tão enfadonha, tediosa e cheia de privações, deixando uma embarcação onde só dominava a ignorância, incúria, negligência e grosseria; mas tão lisonjeira esperança em breve desvaneceu-se com o levantar do sol, que dissipou o nevoeiro que cobria o horizonte, e que figurou ao inexperto e estúpido marinheiro a suspirada terra que a ser real não podia ser senão da capitania. Ainda não tínhamos bebido todo o amargoso cálice da desventura que nos fez deparar tão negado transporte.

Desde o dia 30 de setembro até 4 de outubro navegou-se com vários ventos do quadrante N., e sempre com proa para onde se presumia que se demorava a terra: e com efeito ao amanhecer do dia 4 avistou-se claramente terra da capitania que não se pôde desfazer em vapores como a anterior, porque fixou-a os olhos da prática. Navegou-se todo o dia, e quando já defronte ao Moreno, e vendo-se a rebentação da baía, dispunha-se a manobrar para a singradura conveniente, escasseou o vento, e refrescou mais, e por isso tivemos à tarde de virar de bordo

para o mar, escapando-nos a ocasião depois de a termos quase segura pelo rabicho.

Apesar do vento “agarrar-se” àquele lado, fez-se toda a diligência para entrar a barra na singradura de terra no dia 5, porém nada favorável se pôde conseguir, e ainda à vista das terras da barra, posto que o navio tivesse decaído, fomos para o mar, praguejando do vento, barra, navio e mestre.

A mesma tentativa repetiu-se no dia 6, e quando alguns longes de esperanças nos suavizavam a ânsia com que nos pungia o desejo de entrar, vieram “naturalmente” ao convés ambos os mastaréis com velas e a cordoalha respectiva, sem que fosse isso a efeito de esforço do vento, que soprava regularmente. Não podem sentir tanto pesar as almas do purgatório, que tendo subido ao degrau da fornalha que assinala o complemento do seu penar, e estando já de braços levantados para facilitar a sua redenção, como nos pinta a cartilha do mestre Inácio, chega o anjo libertador e virando a cara desdenhosamente ao passar por elas, vai tratar de outras que tocaram ao grau da 5ª essência da pureza expiatória.

Todos os cabos que seguravam os mastaréis estavam lassos e bambos, porque o estúpido contramestre mais apurado em descobrir terras vaporosas, do que desempenhar seus deveres, ignorava que depois de vento fresco, ou antes de escurecer devem-se alar todos os cabos de segurança, que certamente afrouxam com o impulso que o vento imprime nas velas. Nesse

desmantelamento andou-se bordejando com muito decaimento para Sul até o dia 8, em cuja manhã assentou-se de se arribar a qualquer ponto da costa que nos pudesse abrigar, e deparar meios para reparar tão grave avaria; e como a enseada de Piúma estava reconhecida, e podíamos tomá-la com o vento que reinava, para aí dirigiu-se o navio, e à uma hora da tarde fundeamos entre as suas ilhas.

A enseada de Piúma é pequena, mas arredondada, com regularidade desde o morro do N., que se ergue na sua extremidade austral, até às ilhas deste nome que marcam o seu termo ao N. Uma zona de areia branca lhe borda toda a margem, e se prende a outra de verdura que guarnece o território ao oriente da cordilheira da Serra-geral, cujas formas colossais sombreiam ao longe o horizonte com um extenso cintão de azul-claro. As três ilhas de Piúma quase que se ligam à ponta de terra que termina o semicírculo da enseada; pelo menos escondem a foz do rio deste nome, cujas águas nesse ponto repousam numa bacia espaçosa antes de entrarem em perene movimento com as do mar. Entre as ilhas mais exteriores o ancoradouro é seguro e abrigado dos ventos do hemicírculo do N., mas quando reinam as brisas do Sul convém-se evitar essas paragens para não correr-se o risco de naufragar ou de dar à costa.

O rio Piúma tem 8 léguas de curso e traz a sua origem da Serra-geral; tendo-a comum com o Itapemirim, que se envereda

mais para o Sul. Por ele se navega em canoas até à “Bocaina”, que dista légua e meia da sua foz; e desobstruído o rio de alguns embaraços que tem nesse lugar a sua navegação seria muito mais extensa, e então poder-se-ia aproveitar a abundância de jacarandás e outras madeiras próprias para a marcenaria que se depara no interior do rio.

Ao sul da foz do Piúma há uma pequena povoação de índios com umas 50 palhoças, e 2 ou 3 casas cobertas de telha habitadas por vendelhões brancos, que foram para ali depois que se descobriu que naquela costa podia-se com segurança fazer clandestinamente o desembarque de africanos para serem vendidos como escravos. Nem uma regularidade encontra-se na edificação das casas, que são feitas à vontade e discrição do proprietário. Os índios vivem da pesca e do pequeno cultivo que fazem à roda de suas habitações tanto quanto lhes permite a sua natural indolência, e que seja bastante para o seu mesquinho alimento; e o produto que resulta dalgum serviço que fazem fora desta escala é para o emprego de aguardente. As mulheres vivem na mais dissoluta devassidão, crápula e deboche, e fazem a sua maior assistência nas tavernas. Noutro tempo uma ponte de madeira atravessava o rio; e atualmente projeta-se nova, cujos pegões de pedra já se acham feitos e acima do nível d’água.

No dia 9 desembarquei, e nessa mesma manhã exigi de Itapemirim (5 léguas) cavalgaduras para meu transporte à capital, visto ter resolvido ir por terra. Às 10 horas da noite

desse dia apresentou-se em Piúma o major Joaquim Marcelino da Silva Lima com uma tropa de animais arreados para meu transporte. Tinha ajustado com o mestre do brigue de na madrugada do dia 10 mandar buscar a bordo o meu trem de viagem e fato necessário para entrar na capital, porém, quando a essas horas ia uma canoa para esse fim, a embarcação se fez de vela, e deixou-me como naufragado na praia.

A 11 e pelas 6 horas da manhã montei a cavalo, e em duas horas cheguei a Benevente, que dista duas léguas daquela povoação. Nesta travessia há o rio Iriri, pequeno e estreito que corre por uma quebrada do terreno, sobre o qual há uma pequena ponte de madeira. A estrada é boa e atravessa o terreno montuoso e ondulado que compõe a ponta saliente, que é comum às enseadas de Piúma e Benevente, e cujo lado boreal é banhado pelo rio de Benevente ou Reritiba. Há em toda ela pequenos sítios e fazendas rurais onde a agricultura não tem tido grande desenvolvimento, ou por negligência de amanhar as terras, ou porque a esta tem-se exaurido o poder vegetativo. Havia uma plantação de café que estava no seu belo estado de florescência.

A vila de Benevente é construída no lado esquerdo da foz do rio que hoje tem este nome, e na falda da vistosa colina que serve de assento ao antigo convento dos jesuítas, habitado pelo célebre pe. Anchieta, e que se acha hoje convertido em igreja paroquial, apesar de sua antiguidade e estado de ruína. Uma linha de casas pequenas se formula pelas sinuosidades do rio, e

outras verticais a ela, quem vem da falda da colina, eis aqui o que forma o complexo material da vila, que faz pequeno vulto a quem a vê do alto da ribanceira oposta, de cuja altura também se abrange uma parte do rio, e toda a bela enseada de Benevente. O espaço ocupado pela foz do rio não admite ponte, e a sua passagem é feita em canoas, que da vila vão ter a uma laje sobre a qual há um telheiro onde apoiam-se os viajeiros e esperam a sua vez de passar.

O rio de Benevente é mais amplo e tem maior curso que o Piúma, dá navegação para 8 léguas em canoa, e a sua origem vem da Serra-geral correndo por um extenso território rico de madeiras finas, e de terras cultiváveis. O ancoradouro é pouco acima de sua foz e em frente da vila, nele somente fundeiam pequenas sumacas de 50 a 80 toneladas, porque há uma corda de recifes que toma quase toda a enseada, deixando-lhe apenas um estreito canal de 10 a 12 palmos para a entrada das embarcações. Esta enseada é espaçosa e apresenta um aspecto agradável e pitoresco com a sua moldura de alvíssima areia precintada de arvoredo, que se vai elevando à medida que foge do mar. O recife de que há pouco se falou conserva em algum repouso aquela grande bacia, e por ela vagueia uma multidão de canoas que andam na pescaria. Em frente da vila e na margem oposta do rio desemboca um estreito, que dando-se-lhe mais profundidade pode receber em canoa os viandantes que vêm do sul, e passá-los para o lado oposto, poupando-lhes o tornearem

o morro adjacente. Aquele município dá 10 eleitores; e a vila é sede do colégio eleitoral de Guarapari e Itapemirim.

Parti de Benevente às 9 horas, e deixando a enseada atravessou-se a ponta que lhe corre a O., e que se chama ponta do Castelhana. Nessa travessia há o rio Parati em que há uma ponte bastante arruinada, e que vem das terras altas adjacentes. Deste rio a Benevente, ou vila nova, há uma légua. Daí procurou-se de novo a margem do mar, por onde transitou-se por tempo de duas horas, passando-se favoravelmente os Barreiros, ponto este que fica interceptado no preamar, porque as ribanceiras aí são muito altas, e passagem só se pode fazer a beira-mar.

À uma hora chegou-se a Meaípe, uma pequena povoação de pescadores, policiada por um juiz de paz. A povoação está numa ponta que avança para o mar terminando num espaçoso rochedo, rodeado de outros que ficam separados dele por braços de mar e formam um remanso onde chegam as canoas a abrigo dos ventos do norte. Ao Sul da povoação e banhando o pé do morro que serve de base à ponta, corre um pequeno rio, a cuja foz prende um lagoão profundo, sobre o qual houve noutro tempo uma ponte. No preamar fica esse ponto intransitável, e por isso se faz ali muito urgente uma ponte.

Dali prosseguiu-se a viagem subindo-se o morro mencionado a muito custo por causa da sua altura. No seu reverso e lado oposto ao da povoação há profundos esconderijos

por entre grandes penedias aonde entra o mar nas marés vivas formando lagos permanentes, que criam peixe, e servem de abrigo ao pescador fatigado. Desce-se a um terreno quase nivelado com o mar, e que é só interrompido pela alta colina que serve de assento à casa do alferes Pedro João, aonde chegamos às duas horas da tarde. Neste sítio aprazível que dista meia légua de Meaípe, e que fica às bordas do mar, avista-se a este em um imenso horizonte, e a todas as pontas que lhe ficam a N. e a S., com os rochedos isolados no meio do Oceano. O proprietário tendo seguido algum tempo a vida do mar, deu-se finalmente a lavrador, e tinha no interior terras em que com alguns escravos cultivava cana e mandioca, que “desmanchava” em uma pequena engenhoca.

A colina era a parte mais avançada de uma ramificação de montanhas, que se desprendia da Serra-geral na direção de Este, elevando-se altamente sobre a borda do mar. Tinha ao lado direito um brejo que compenetrava o interior, e conservava a água potável; e ao lado esquerdo uma quebrada que dava leito a uma límpida torrente que se embebia no mar. Aí pernoitei, porque em Guarapari que fica distante meia légua não havia “arrumação” para os animais.

Na manhã do dia 12 parti para Guarapari, onde cheguei às 7 horas. Os arredores ao sul da vila são formosos e aprazíveis: há neles várias casas em sítios altos e descortinados que produzem uma perspectiva agradável. A vila está situada sobre

a base da ponta que tem o mesmo nome, e que se prolonga pelo mar com a extremidade dessa grande cordilheira que se destaca da Serra-geral, formando um dos pontos mais salientes e notáveis da costa; e jaz ao lado direito da foz do rio Guarapari. É uma das maiores e mais antigas vilas da província, e que ainda é enobrecida por um colégio e igreja construída pelos jesuítas, e hoje transformada em igreja paroquial, posto que se ache em grande ruína. Tem ruas regulares, e algumas casas de sobrado à moderna. A igreja está, como todas as construções jesuíticas, sobre uma colina que fica sobranceira à vila, e que mais a realça ao longe.

O rio Guarapari procede da Serra-geral já volumoso, e através de um território rico de madeiras, e azado para a agricultura. A sua navegação abrange até às faldas da serra. Tem bom ancoradouro, e o canal da barra é maior e mais profundo do que o de Benevente. Na margem oposta à da vila há algumas linhas de casas ocupadas por pescadores e por famílias dos que se empregam na vida do mar.

Às 8 horas saí da vila, e atravessando um terreno onduloso e coberto de baixo arvoredo, totalmente inculto e desprezado, cheguei a Perocão às 10 horas. Neste sítio entra um braço de mar com o apoio de uma ponta que lhe fica ao S., rodeada de rochedos escalvados, e que termina a extremidade boreal da enseada de Guarapari. Esse braço recebe algumas torrentes que vêm das alturas circunvizinhas, e ampliando-se assim intercepta

a passagem nas horas do preamar. Construiu-se aí uma pequena ponte de pedra, que arruinou-se na primeira enchente que houve por abater-se dos paredões laterais que sustentava um arco, e por isso se achava inutilizada.

Na margem setentrional do rio há uma rua de pequenas casas, que começa da boca da ponte: ali habitam pescadores, e gente empregada na vida marítima. Este lugar dista uma légua da vila de Guarapari; e a sua barra dá somente entrada a lanchas, que transportam madeira e mantimentos para aquela vila.

A poucos passos dali corre o rio Una que se lança no mar, derivando-se dos declives boreais da cordilheira de Guarapari que se destaca da Serra-geral, e que mais se aproxima da costa: sobre ele há uma pequena ponte de madeira bastante arruinada.

A estrada, depois de atravessar um terreno baixo, arenoso e arborizado, lança-se na costa; e por aí caminha-se duas léguas até à ponta da Fruta, a mais notável naquelas paragens. Deste lugar segue ela pelo terreno que fica de permeio entre o mar e várias lagoas, que tem por margem do lado do ocidente uma lomba extensa de terras altas sobre que divisam-se algumas casas habitadas por lavradores do distrito, e que, segundo é fama, servem também de coito a desertores e criminosos. Este terreno prende-se a outro que guarda o mesmo plaino, e que compreende campestres, matas, brejos, várzeas e um rolo todo areento, denunciando esterilidade, e pobreza de força vegetativa, por qualidade natural ou por exausto e cansado.

Às 4 horas da tarde cheguei ao lado meridional da barra do rio Jecu, onde há uma pequena povoação de 20 a 30 casas de pescadores, abrigada do mar por um morro alto, que ao longe designa a foz daquele grande rio e invade o mar a pequena distância. A povoação é a cargo de um juiz de paz, cuja jurisdição estende-se até a ponta da Fruta e depende do município da vila do Espírito Santo (Vila Velha); e dista 8 léguas de Guarapari. Sendo já tarde, e estando a maré cheia, o que dificultava a passagem em um rio que se espraia na sua foz, aí pernoitei.

O rio Jecu (como já tenho escrito em outra obra) procede da Serra-geral, donde sai já volumoso e arrebatado; e depois de atravessar imenso território com vários rodeios e sinuosidades, desemboca no mar, no lugar que acabamos de descrever; e o grande volume de suas águas não pode contrastar a força que o mar emprega naquele ponto saliente da costa, o que faz com que a barra seja de pouco fundo e dê somente entrada a lanchas, e seja mesmo quase interceptada por uma corda de grandes pedras que se prende à sua margem austral.

Por meio de um canal aberto no distrito de Viana, comunica-se este rio com o Marinho, que deságua na margem direita da baía do Espírito Santo, em frente ao lado ocidental da cidade; e assim formou-se em ilha esse grande território que medeia entre estes dois rios.

Na manhã do dia 13, passado o rio prossegui na viagem tomando o caminho da mata, visto que projetei ir à Pedra d'Água.

Este caminho é por uma planície, no princípio coberta de arvoredo, e ao depois através de brejos e várzeas descortinadas, que a esse tempo estavam enxutas. Cheguei à Pedra d'Água pelas 10 horas da manhã. Este sítio é formado por uma elevada baía do Espírito Santo, e no seu flanco esquerdo um esteiro como um braço da mesma baía.

A origem do seu nome provém de haver na baía, em frente da colina, uma grande pedra isolada e fora d'água. Este sítio dista meia légua de Vila Velha.

Às 11 horas, chegou àquele lugar o presidente Couto, e meia hora depois desembarquei na capital. - Machado de Oliveira.

